

convergência

JUL/AGO — 1977 — ANO X — Nº 104



- **MEDITAÇÃO PARA TEMPOS DIFÍCEIS**

Cardeal Eduardo Pirônio — página 330

- **O SOFRIMENTO DO JUSTO NESTE MUNDO**

Dom Luciano Pedro Mendes de Almeida, SJ — página 350

- **O DESAFIO DA ORAÇÃO**

Frei Raimundo Cintra, OP — página 361

CONVERGÊNCIA

Revista da Conferência
dos Religiosos do Brasil

Diretor-Responsável:

Pe. Marcello de Carvalho Azevedo, SJ

Redator-Responsável:

Padre Marcos de Lima, SDB

Direção, Redação, Administração:

Rua Alcindo Guanabara, 24 — 4º andar (ZC-06) — 20.000 RIO DE JANEIRO — RJ.

Assinaturas para 1977:

Brasil, taxa única (via terrestre ou aérea) ... Cr\$ 150,00
Exterior: marítima US\$ 17,00
 aérea US\$ 25,00
Número avulso Cr\$ 15,00

Os artigos assinados são da responsabilidade pessoal de seus autores.

Composição: Compositora Helvética Ltda., rua Correia Vasques, 25 — 20.000 Rio de Janeiro — RJ.

Impressão: Oficinas Gráficas da Editora VOZES Ltda., rua Frei Luís, 100 — 25.600 Petrópolis — RJ.

Nossa Capa:

"O CAMINHO SE FAZ CAMINHANDO". Dez anos vivendo isto. Dez anos de CONVERGÊNCIA. Coragem de caminhar e fazer caminhar. A partir da experiência e da vida. À luz da fé que alicerça nossa vida de Religiosos e lhe dá sentido. Procura e renovação que não cessam. Caminhar na Igreja e com a Igreja, de hoje e de sempre.

Registro na Divisão de Censura de Diversões Públicas do D.P.F. sob o nº 1.714-P.209/73.



SUMÁRIO

EDITORIAL	321
●	
INFORME DA CRB	323
●	
MEDITAÇÃO PARA TEMPOS DIFÍCEIS , Cardeal Eduardo F. Pirônio	330
●	
O SOFRIMENTO DO JUSTO NESTE MUNDO , Dom Luciano Pedro Mendes de Almeida, SJ	350
●	
O DESAFIO DA ORAÇÃO , Frei Raimundo Cintra, OP	361
●	
A VINDA DOS REDENTORISTAS PARA O BRASIL NA ÚLTIMA DÉCADA DO SÉCULO PASSADO , Riolando Azzi	367
●	
LIVROS NOVOS para Você ler	383

EDITORIAL

A vida humana, no mundo tecnológico de hoje, apresenta-se bastante desconexa. O homem moderno é um ser sem sossego. É agitado como um caniço no deserto. Este transtorno mostra que se vive esticado como um anel de borracha. Denota carência de tranqüilidade. Neste contexto, a vida do homem é constantemente assediada por solicitações. Isso pode ser proveniente do acúmulo de uma complexa organização da sociedade, eivada de condicionamentos.

Assim mesmo, neste mundo negro e combalido, você é convidado a levar uma vida cor-de-rosa. Gostaria apenas dizer-lhe que você tem direito de ser feliz. Você pode. Tem condições de espalhar alegria, otimismo a todos que invadem ser território pessoal ou passam por você a 80 km/hora, ou mais vagarosamente.

A vida é um dom. Um presente precioso. Existir. Estar aí é uma gratuidade. Você não pediu para nascer. Mas um processo fez você entrar no concerto da História. "Pois Nele nos escolheu antes da criação..." (Ef 1,4). Você está neste mundo, é óbvio, não apenas "para ver a banda

passar". Pela sua vocação de homem (varão ou mulher) você é uma nota na sinfonia da humanidade. Uma criatura feita à imagem e semelhança de Deus. Viver é participar. Participar é transmitir vida.

Toda sua vida está envolvida pelas categorias históricas de passado, presente e futuro. O passado deu a você experiências marcantes. O presente está em suas mãos. Exige sua inserção para deixar o mundo um pouco melhor do que você o encontrou. O futuro pertence a Deus.

O que você faz de sua vida? O que você pensa da vida? Você vive sua vida ou vive em função das coisas?

Na vida, com cada pessoa que você se encontra ou se confronta, você descobre uma ponta de mistério. Você mesmo é mistério para o mundo das pessoas com as quais você se relaciona, superficial ou profundamente.

Tudo depende do seu modo de ser. Há gente com a qual você se relaciona com mais intimidade. São as pessoas do seu círculo de amizades: familiares, amigos e colegas. Outras lhe são indiferentes. Você, muitas vezes

sente, no "pacote" de seus sentimentos, o indiferentismo a seu respeito, apesar da sua autenticidade, de sua boa vontade. Nem por isso sintam-se diminuídos. Porque você é você. Exemplar único, irrepetível. O principal é você continuar sendo o que você é. Reconheça seus limites. Mas lembre-se que você por dentro é um vulcão de potencialidades. Você tem o direito de ser você, dentro das características próprias de sua personalidade, suave ou forte.

Em todo o seu agir você busca mais vida. É uma aspiração íntima, secreta, viver. Eternizar-se. O que você faz para que seu irmão viva; tenha vida mais digna? Viva mais feliz? Em nível comunitário e societário uma gama de gente atua com a mente, com as mãos e com os braços, na faixa das profissões, para que sua vida seja mais vida.

O esforço da humanidade gira em torno da vida. Tudo o mais é acidental, relativo. Falou Jesus Cristo: "Eu vim para que tenhais a VIDA e a tenhais em abundância". "Ninguém tem maior amor do que aquele que dá a vida pelos seus irmãos". Ele assim o fez. "As palavras falam, mas as atitudes gritam".

Neste número de **CONVERGÊNCIA**, o leitor encontra excelente matéria para a busca de soluções com Fé e Esperança aos desafios da vida e do tempo atual.

O **Cardeal Eduardo F. Pirônio**, apresenta relevante texto, que vem a ser um convite para meditar sobre a **esperança**. Nele oferece reflexões que ajudam a assumir a realidade de hoje. Quer ensinar aos religiosos a descobrir a providência do Pai, a presença do Cristo na História e a ação recriadora do Espírito Santo.

Dom Luciano Pedro Mendes de Almeida, SJ, com muito acerto, projeta um fecho de luz para a compreensão cristã do sofrimento humano.

Frei Raimundo Cintra, OP, demonstra que, desde os tempos primitivos e nas civilizações de cristandade a oração foi uma das expressões mais importantes do relacionamento do homem com Deus. Sobre o assunto faz uma incursão no tempo. Aponta pistas válidas e confortantes para rezar num mundo secularizado.

Riolando Azzí, dá prosseguimento à pesquisa sobre a História da Vida Religiosa do Brasil, focalizando a vinda dos Redentoristas para o nosso país, em fins do século passado, constituindo-se aqui uma das mais fortes congregações.

Com a leitura destes textos, desejamos ao leitor, sobre novo alento na caminhada de manifestar aos irmãos o Cristo, Caminho, Verdade e Vida.

Pe. Celso Sehn, MSF

INFORME

CONFERÊNCIA DOS RELIGIOSOS DO BRASIL

ENCONTRO NACIONAL DE RESPONSÁVEIS PELA FORMAÇÃO SACERDOTAL

(PROJETO 5.1.4 — 4º Plano Bienal)

(Petrópolis, 30/6 a 3/7/1977)

Pe. Virgílio Leite Uchôa

O Encontro Nacional de Reitores de Seminários e outros Responsáveis das Instituições que cuidam da formação dos futuros presbíteros no Brasil se reuniu em Petrópolis, no Convento "Madre Regina", desde a noite do dia 30 de junho até o final da tarde do dia 3 de julho de 1977.

Do Encontro, realizado por iniciativa da CNBB (projeto 5.1.4 do Plano Bienal 1977/78 dos Organismos Nacionais), participaram Dom José Freire Falcão (da CEP/CNBB); Pe. Luiz Colussi, Pe. Virgílio Leite Uchôa, Pe. Raimundo José A. Soares (subsecretários e assessores da CNBB); Pe. Celso Sehn (secretário executivo da CRB); Pe. José Trindad Medel (presidente da OSLAM — Organização dos Seminários Latino-americanos) e 40 formadores das diversas regiões do País (Norte I, 1; Norte II, 1; Nordeste I, 2; Nordeste II, 5; Nordeste III, 1; Leste I, 3; Leste II, 0; Centro-Oeste, 2; Extremo-Oeste, 1; Sul I, 5; Sul II, 4; Sul III, 3; Sul IV, 1).

Objetivos e histórico

O Encontro foi aberto por uma breve exposição dos objetivos (I — Revisão do currículo filosófico-teológico; II — Articulação dos Seminários e Institutos de Formação presbiteral em vista de uma maior cooperação mútua) e por um relato dos trabalhos e conclusões dos Encontros anteriores.

A formação filosófica

Uma reflexão crítica sobre os rumos atuais dos estudos filosóficos e suas repercussões sobre a formação dos futuros presbíteros foi apresentada pelo Pe. Henrique Cláudio de Lima Vaz S.J. e foi discutida em plenário.

Entre as questões levantadas na discussão e que exigem estudos e aprofundamentos ulteriores, citaremos: a questão da linguagem e de sua relação com o pensamento; a questão de como evitar o relativismo na transição

de um universo categorial para outro; a questão de como evitar nos alunos um ceticismo que seria consequência de uma pluralidade de pontos de vista filosóficos e de frequentes mudanças de perspectivas culturais; como superar o pragmatismo de outros alunos; como elaborar um currículo que traduza concreta e rigorosamente as novas exigências da formação filosófica dos futuros padres; como definir melhor a relação entre a formação filosófica e a teológica.

A formação teológica

A reflexão sobre a formação teológica dos candidatos ao presbiterato foi iniciada por uma análise do documento sobre o assunto publicado pela S. Congregação para a Educação Católica em 22/2/1976 (Cfr. o texto traduzido em SEDOC, vol. 9, nº 93, Julho 1976, c. 11-12).

Após uma introdução do Pe. Alberto Antoniazzi, reitor do Seminário de Belo Horizonte, o documento foi estudado em grupos, visando principalmente um confronto entre as diretrizes do documento e a situação atual dos Seminários e Institutos de formação no Brasil.

Na análise da situação, prestou-se atenção de modo especial às preocupações centrais do documento da S. Congregação. Assim se considerou fundamental que o ensino teológico refletisse a fidelidade que toda teologia autêntica deve ter aos dados da Revelação e da tradição cristã, de um lado, e à comunicação com a cultura de hoje, de outro lado. Constatou-se que,

apesar de sérios esforços neste sentido, subsistem deficiências, que levam os alunos a sentir uma certa dicotomia entre uma formação catequética e teológica de estilo tradicional e a assimilação da cultura moderna.

Outra preocupação analisada foi a busca da "unidade" do ensino teológico, numa época de pluralismo, de tendências divergentes e de fragmentação do saber. Constataram-se situações diferentes, que vão desde um pluralismo acentuado entre os próprios professores de alguns Institutos até a homogeneidade do corpo docente e discente em outros, passando por casos intermediários (variedade de posições, mas sem divergências extremas). Algumas instituições se mostram favoráveis a certa diversificação da formação dos futuros presbíteros, oferecendo um curso institucional adequado para as situações pastorais, a que se destinam diretamente muitos seminaristas, e oferecendo aos alunos interessados um curso mais exigente e mais orientado para a reflexão pessoal e a pesquisa. Verificou-se também a existência de duas orientações diversas em ordem ao método da formação teológica. Ambas reconhecem a necessidade de superar os perigos da fragmentação, mas uma prefere um caminho indutivo (que parta das experiências de vivência cristã e de apostolado dos estudantes) e outra prefere um caminho sistemático (formação teológica completa como premissa a experiências pastorais e a uma reflexão teológica sobre a situação). Os que preferem um caminho indutivo sublinham a importância do "lugar social" do estudante e a necessidade de que ele viva junto ao povo, em condições que lhe permitam compreender

e partilhar a vida das massas populares. Os outros atribuem a responsabilidade da formação intelectual a Institutos de nível universitário, enquanto as experiências pastorais ficariam sobretudo a cargo de dioceses e congregações nas férias e após a conclusão do curso teológico.

A dificuldade de oferecer uma formação teológica sistemática e, ao mesmo tempo, realmente sintonizada com a cultura de hoje foi relacionada com o problema da formação filosófica. Sob este aspecto, as constatações são bastante negativas. A falta de pressupostos básicos (deficiência da escola secundária, nenhum conhecimento de línguas), uma difusa tendência dos jovens ao pragmatismo e o caráter tradicional, às vezes anacrônico, de muitos programas de filosofia, tudo isto concorre para tornar a formação filosófica combatida, mal assimilada ou inadequada. Neste campo, sobretudo, parece urgente a atualização dos professores e a multiplicação de material didático novo.

Outros problemas gerais de organização do ensino foram discutidos, preparando as sugestões e conclusões que emergiram no final do Encontro: cursos periódicos de atualização dos professores, elaboração de subsídios didáticos para os setores mais necessitados (além da filosofia, ecumenismo, religiosidade popular, comunicação social e formação do padre ao ministério da Palavra). Vários insistiram na sugestão metodológica, visando a superação de um ensino meramente acadêmico: partir das experiências pastorais e/ou fazer preceder o estudo dos temas teológicos por pesquisas e sondagens junto ao povo.

Troca de experiências

Nos trabalhos do dia 2/7, a análise e o intercâmbio de experiências prosseguiram através de depoimentos, selecionados segundo os interesses do próprio plenário. Os depoimentos disseram respeito a:

◆ O Instituto Filosófico-Teológico dos Franciscanos de Petrópolis, com especial atenção ao currículo integrado e à orientação pedagógica.

◆ O Seminário de Viamão (RS), o Instituto Claretiano de Curitiba e o CENESC de Manaus, com especial atenção aos estágios pastorais.

◆ O Seminário de Brasília e o Seminário de Aparecida (SP), com referência à orientação global da formação.

◆ O Instituto Teológico de Recife, não só em seu curso institucional de formação teológica, mas principalmente numa nova experiência de acompanhamento e iniciação e Teologia de jovens que continuam residindo em seu meio de origem e engajados numa ação pastoral, experiência que estimula diversos professores do ITER a um maior conhecimento da realidade social e pastoral e a uma elaboração teológica mais adequada.

◆ O Departamento de Ciências das Religiões na Universidade Federal de Juiz de Fora que oferece uma parte da formação teológica a alguns candidatos ao sacerdócio e a muitos leigos.

◆ A constituição de Seminários Maiores em dioceses do interior, com a finalidade de oferecer uma formação mais adequada ao contexto.

Formação teológica em contexto brasileiro

A temática de uma formação teológica mais "encarnada" em nossa realidade foi objeto de uma reflexão sistemática através do estudo e debate das proposições formuladas pelo Pe. João Batista Libânio S.J., num artigo da revista "Perspectiva Teológica" (São Leopoldo), nº 17, janeiro-julho de 1977.

As reações às perspectivas propostas pelo Pe. Libânio foram variadas e, às vezes, divergentes.

Antes de tudo, houve diversidade de opiniões a respeito da situação atual do ensino teológico no Brasil. Alguns julgaram excessiva e até caricatural a caracterização da formação seminarística feita pelo Autor; outros reconheceram a predominância das características "clerical" e "acadêmica" no ensino teológico, julgando que só uma mudança global da Igreja (e não apenas do Seminário) permitiria uma renovação mais profunda da Teologia. Outros ainda não consideram tão nítida a distinção, talvez a oposição, da Teologia européia e da Teologia latino-americana. Outros ainda distinguem entre uma Teologia "segunda", que deveria necessariamente voltar-se para as situações particulares e assumir em sua elaboração os dados da situação social, e uma teologia "primeira", de caráter universal, que expressaria os dogmas fundamentais da fé.

Houve uma maior convergência em relação com as proposições práticas, a serem efetivamente assumidas, seja na elaboração do saber teológico, seja no seu ensino.

As proposições acolhidas (ao menos por um ou outro dos grupos de discussão) foram:

◆ Prestar atenção ao "lugar social", de onde se faz teologia e aos seus condicionamentos sócio-políticos.

◆ Para a escolha desse lugar, deve-se lembrar que Jesus se apresentou como "Messias dos pobres".

◆ A preocupação com o "lugar social" não diminui a dimensão transcendente da teologia e sua referência à tradição cristã.

◆ A Teologia não pode se fechar num sistema que pretenda ser completo e definitivo; ao contrário, todo sistema deve estar aberto e ter consciência de que há uma pluralidade de formas e expressões da fé.

◆ Na elaboração da Teologia (e num ensino teológico que inicie na reflexão teológica), deve-se procurar dois níveis, ambos necessários em nosso contexto:

1) O de um ministério pastoral, que proclame a Palavra de Deus no mundo de hoje numa linguagem profética.

2) O de uma reflexão de cunho científico, em diálogo com as ciências humanas, que vise a elaboração rigorosa, metódica e sistemática de uma teologia como ciência.

Em ambos os casos, o estudante de teologia deve partir de uma vivência e de uma compreensão da vida da Igreja. Segundo alguns, é preciso evitar que o seminarista não seja "cortado" de suas raízes populares e não se afaste do povo, assumindo pretensões de "superioridade". Maior ligação dos docentes com a realidade da Igreja local,

diálogo interdisciplinar com as ciências humanas e participação de leigos no ensino, junto com as reformas metodológicas e curriculares propostas, podem contribuir para a renovação da Teologia na direção indicada.

Atividades da OSLAM

No último dia dos trabalhos, o padre José Trindad Medel, presidente da Organização de Seminários Latino-americanos (OSLAM), informou sobre as atividades da Organização, em particular sobre os Cursos para os Formadores realizados e a realizar. Ofereceu também a colaboração da OSLAM e do Departamento de Vocações e Ministérios (DVYM) do CELAM para organizar cursos específicos para o Brasil. Solicitou, ainda, a indicação de três candidatos (Reitores de Seminário) para que dentre eles a Comissão Episcopal de Pastoral da CNBB possa escolher os dois delegados do Brasil na OSLAM. Apresentou, enfim, algumas informações sobre as Organizações Nacionais de Seminários, em particular sobre aquela do México, (OSMEX).

Conclusões e sugestões práticas

Para a elaboração de sugestões práticas e conclusões, foram constituídos quatro grupos inter-regionais (1. Norte e Nordeste; 2. Minas Gerais e Distrito Federal e Goiás; 3. São Paulo e Rio de Janeiro; 4. Sul).

Os grupos encaminharam atividades locais ou regionais (por exemplo, o grupo de Minas Gerais e Goiás marcou um encontro de Formadores e Professores de Filosofia para 13 e 14/11/1977; o grupo Norte e Nordeste,

preparou encontros regionais para julho de 1978, etc.), e elaboraram sugestões de atividades nacionais, que foram submetidas ao plenário.

O plenário resolveu:

1) Eleger um comitê de 5 Reitores (Paulo Brotti, Florianópolis; José Maria de Almeida, São Paulo; Alberto Antoniazzi, Belo Horizonte; Jan de Bie, Salvador; Luiz Pinto, Belém) com a tarefa de elaborar, junto com o assessor da CNBB Pe. Virgílio Leite Uchôa, um anteprojecto de estatuto de uma Organização Nacional dos Seminários e Institutos de Formação Presbiteral; o anteprojecto será submetido à Comissão Episcopal de Pastoral e a todos os Seminários e Institutos.

2) Indicar à CEP/CNBB os membros do Comitê como candidatos entre os quais escolher os dois delegados (e os respectivos suplentes) para a OSLAM.

3) Recomendar ao Comitê que inicie, na medida do possível, a execução das sugestões formuladas no encontro, especialmente: a) boletim de informações para Seminários e Institutos; intercâmbio de subsídios e textos; b) promoção de cursos de formação e atualização para professores e educadores dos Seminários (começando com iniciativas modestas, buscando aos poucos realizações mais amplas e estáveis); c) incentivo aos encontros regionais do pessoal de Seminários e Institutos.

4) Solicitar a indicação, em cada Regional, de um representante dos Reitores de Seminários e Institutos, que — em cooperação com a Comissão Episcopal Regional — coordene e impulse o intercâmbio e a cooperação no campo da formação presbiteral.

5) Recomendar o estudo e a realização gradual das sugestões apresentadas pelo Encontro Nacional de Formadores de julho de 1976 (Cfr. Comunicado Mensal da CNBB, nº 290, novembro de 1976, pp. 1161-1165).

Encerramento

O Encontro foi encerrado com uma breve revisão, em que foi ressaltada a validade dos trabalhos realizados, que permitiram alcançar, embora parcialmente, os objetivos estabelecidos. Foi lamentada a ausência de representantes de algumas Instituições, que poderiam lucrar muito com sua participação e enriquecer o intercâmbio. Foi solici-

tado o empenho pessoal de cada um dos participantes no sentido de levar pessoalmente, nas respectivas regiões, os resultados do Encontro a outros colegas. As Atas do Encontro, a serem publicadas, deverão ser objeto de estudo em reuniões locais e regionais de Formadores.

Enfim, Dom José Freire Falcão, em nome da Comissão Episcopal de Pastoral agradecendo a participação de todos, ressaltou a solicitude com que o Episcopado acompanha a Formação dos futuros sacerdotes e o esforço constante de aperfeiçoamento dos educadores e das Instituições que têm esta mesma finalidade.

SESQUICENTENÁRIO DA CONGREGAÇÃO BENEDITINA BRASILEIRA

No dia 1º de julho de 1977 a Congregação Beneditina Brasileira completou 150 anos de existência, embora as suas casas tenham sido todas fundadas no século XVI.

Por ocasião da Independência, os mosteiros beneditinos brasileiros constituíam a Província do Brasil, da Congregação Lusitana da Ordem de São Bento, com um Abade Provincial, eleito em Portugal, subordinado ao Abade Geral residente na Metrópole. O último Abade Provincial antes da Independência do Brasil, eleito pelo Capítulo Geral da Congregação, reunido na Abadia de Tibães aos 18 de junho de 1822, foi Frei Antônio do Carmo.

Como, após a Independência, não se realizassem em Portugal eleições para os diversos cargos da Província, o úl-

timo Provincial eleito que era também Abade do Mosteiro de São Bento do Rio de Janeiro, dirigiu uma petição ao Imperador Dom Pedro I, rogando-lhe impetrar a separação dos mosteiros do Brasil da Congregação de Portugal, constituindo-os em Congregação própria. O Governo Imperial encarregou nosso Ministro junto à Santa Sé, Mons. Francisco Correia Vidigal, de tratar da separação. O Santo Padre Leão XII, pela Bula "Inter gravissimas curas" de 1º de julho de 1827, deu seu beneplácito a tal postulado, nascendo assim a Congregação Beneditina Brasileira, que na época contava 7 Abadias e 4 Priorados.

O ramo feminino, das monjas beneditinas, data de 1911, quando foi fundada a Abadia de Santa Maria, em São

Paulo, casa-mãe de outras fundações congêneres no Brasil e na Argentina. Aos 24 de novembro de 1911, o então Presidente da Congregação e Abade do Rio de Janeiro, Dom Gerardo van Caloen, bispo-titular de Focéia e Prelado do Rio Branco (hoje Roraima, em cujo território o mesmo fundara uma Missão beneditina entre os índios), presidiu a instalação das monjas beneditinas em terras do Brasil.

Atualmente, conta a Congregação quatro Abadias do ramo masculino (Salvador, Rio de Janeiro, Olinda e São Paulo) e quatro do ramo feminino (São Paulo, Belo Horizonte, Uberada e Olinda), além de diversos mosteiros e casas

dependentes ou não de alguma das Abadias.

O termo **congregação** na Ordem Beneditina designa um grupo de mosteiros que observam as mesmas Constituições e estão subordinados à autoridade de um Abade Presidente, ressalvada, no entanto, a autonomia de cada mosteiro. O conjunto destas congregações (geralmente formadas por mosteiros de um mesmo país ou por grupos lingüísticos) compõe a Confederação Beneditina presidida pelo Abade Primaz da Ordem. É atualmente Abade Primaz Dom Rembert Weakland, de nacionalidade americana, sendo Abade Presidente da Congregação Brasileira, Dom Basílio Penido, Abade do Mosteiro de Olinda.

MEDITAÇÃO PARA TEMPOS DIFÍCEIS

Card. Eduardo F. Pirônio
Prefeito da Sagrada Congregação
para os Religiosos e Institutos Seculares

I n t r o d u ç ã o

Quando estas coisas começarem a acontecer, cobrai ânimo e levantai as vossas cabeças, porque a vossa libertação está próxima (Lc 21, 28).

Digo-vos isto para terdes paz em Mim; no mundo tereis aflições, mas tende confiança! Eu venci o mundo (Jo 16, 33).

1. Quando acontecem certas coisas, na Igreja e no mundo, é lógico que nos preocupemos e sofram. Nós pelo menos não as tínhamos vivido assim tão agudamente e parece-nos absurdo que aconteçam depois de vinte séculos de cristianismo. Dir-se-ia até que a vida dos próprios cristãos parece que vai perdendo a sua eficácia evangélica e deixando de ser "sal da terra e luz do mundo" (Mt 5, 13-16).

Os homens matam-se entre irmãos. Multiplicam-se os raptos e as mortes, os ódios, a perseguição e a violência. Tudo isto gera medo e desconfiança, angústia, tristeza e pessimismo. Por que acontecem estas coisas? Não haverá alguém que nos possa arrancar da tentação da violência e da sensação paralisadora do medo?

2. Mesmo dentro da Igreja — protótipo até agora do sagrado e intocável, do único realmente sólido e estável — introduz-se a contestação e a crítica, a desunião entre os cristãos, o perigo do secularismo e a

Extraído de Osservatore Romano, Ano VII, nº 49 (366) e nº 50 (367).

politicização do Evangelho, a desorientação de muitos, a perda da própria identidade na vida consagrada, o risco de quebrantar a unidade na doutrina e na disciplina. E tudo em nome de Jesus Cristo e por fidelidade ao seu Evangelho.

Entretanto, outros, com lamentável superficialidade, acusam a Igreja de se ter desviado da sua missão evangelizadora essencial. Sem compreenderem que a Igreja, na linha de Cristo, o enviado do Pai, foi consagrada pelo Espírito para anunciar a Boa Nova aos pobres, a liberdade aos cativos e a vista aos cegos (Lc 4,18). A Igreja deve anunciar explicitamente Jesus Cristo, o Salvador, e a chegada do seu Reino, chamar os homens à conversão e à fé, transformar o homem e toda a humanidade (E.N. 18). Mas a Evangelização "não seria completa se ela não tomasse em consideração a conexão íntima entre o Evangelho e a vida concreta, pessoal e social, dos homens (E.N. 29).

3. Vivemos sem dúvida tempos difíceis. É inútil lamentar-se. Mais inútil ainda, e mais funesto, pretender ignorá-lo como se tudo corresse bem, ou deixar-se abater definitivamente como se nada se pudesse superar.

Quando no meio de tudo isto — sabemos-lo infalivelmente pela fé — se encontra presente Deus a conduzir a história, se encontra Cristo a presidir a sua Igreja, se encontra o Espírito Santo a formar na dor os novos tempos para a criação definitiva. Embora custe acreditar, é irreversivelmente certo — tanto a nível pessoal como na vida das nos-

sas comunidades — que "quem vive em Cristo é uma nova criatura: desapareceu o que era velho, um novo ser se fez presente, e tudo isto vem de Deus, que por meio de Cristo nos reconciliou Consigo" (2 Cor 5, 17-18).

Por isso é preciso meditar outra vez sobre a esperança. Mas muito simplesmente. Sem fazer agora uma análise demasiado técnica da Palavra de Deus, nem pretender estudar a fundo — histórica e sociologicamente — a raiz dos males. Isso fá-lo-ão outros com maior competência; é necessário que o façam.

Eu desejo simplesmente oferecer algumas reflexões, partindo da dor atual, à luz da Palavra de Deus. Ou seja, desejo começar uma meditação simples que ajude, por um lado, a assumir a realidade atual, dolorosa e pungente, e por outro, a descobrir aqui a providência do Pai, a passagem do Senhor pela história e a atividade incessantemente recriadora do Espírito Santo.

Por isso não se faz aqui um estudo exaustivo sobre a situação atual nem se analisam todos os textos da Sagrada Escritura. É apenas uma meditação em voz alta — que nos ajude a todos a livrar-nos dum medo que paralisa e a deixar-nos penetrar pelo Espírito de fortaleza que nos torna testemunhas e mártires — sobre a esperança cristã para os tempos difíceis.

4. Em definitivo trata-se disto: ver como os tempos difíceis pertencem ao desígnio do Pai e são essencialmente tempos de graça e de salvação. Ver além disso como viveu Jesus os tempos difíceis — essen-

ciais para a sua missão redentora — e como os superou pelo Mistério da Páscoa. A Magna Carta de Jesus para vencer os tempos difíceis é o Sermão da Montanha. O auge é a sua morte na cruz e a sua ressurreição. A sua exortação principal é o chamamento ao amor universal, ao espírito das bem-aventuranças e à fecundidade da cruz. Jesus abre-nos assim o caminho para viver com amor e gratidão os tempos difíceis, e para os converter em tempos providenciais de esperança.

5. Tratando-se de uma meditação, quereria terminar esta introdução com três textos claros e simples: do Profeta, do Apóstolo, de Cristo.

Isaiás — profeta de esperança — diz-nos em nome do Senhor: “Fortificai as mãos desfalecidas, robustecei os joelhos vacilantes. Dizei àqueles que têm o coração perturbado: ânimo, não temais, eis que o vosso Deus virá e vos salvará” (Is 35, 3-4).

Nos Atos dos Apóstolos lemos esta frase dita pelo Senhor a São Paulo, o apóstolo da esperança:

I — “Prontos a dar razão da esperança” (1 Pdr 3,15)

“O povo que andava nas trevas viu uma grande luz. Sobre aqueles que habitavam uma região tenebrosa, resplandeceu uma luz. Suscitastes um grande regozijo, provocastes uma imensa alegria” (Is 9, 1-2).

6. É assim que a Liturgia nos convida à alegria e à esperança na Noite de Natal. Assim descreve Isaiás, na escuridão dolorosa dos tempos difíceis, a vinda de Cristo que é a Luz, a Paz, a Aliança.

“Uma noite, o Senhor disse a Paulo numa visão: Não temas! Continua a pregar e não te cales. Eu estou contigo. Ninguém te atacará nem te fará mal” (At 18, 9-10).

Finalmente Cristo — “nossa feliz esperança” (Tit 2,13) — recomenda-nos serenidade e fortaleza para os tempos difíceis inevitáveis e providenciais? “Por que tendes medo? Não tendes fé?” (Mc 4,40). “Ânimo, sou Eu; não tenhais medo” (Mc 6, 50).

Quão necessário se torna, nos tempos difíceis, ter a certeza de que Jesus é o Senhor da história, de que Ele permanece na Igreja até ao fim, de que vai construindo conosco o caminho para o Pai! Quão importante recordar que precisamente para os tempos difíceis Deus comprometeu a sua presença! “Ide pelo mundo inteiro e anunciai a Boa Nova a toda a criatura. Eu estarei sempre convosco até ao fim do mundo” (Mc 16, 15; Mt 28,20). “Sereis odiados por todos por causa do meu nome. Mas nem um só cabelo da vossa cabeça se perderá” (Lc 21,12-18).

“Nasceu-nos um Menino, foi-nos dado um filho... Será chamado Príncipe da Paz” (Is 9,5).

Jesus Cristo veio para nos anunciar a paz: “Ele é a nossa paz...

Ele veio para anunciar a paz a vós que estáveis longe, a paz também àqueles que estavam perto” (Ef 2, 14-18). Veio, sobretudo, para nos trazer a paz como fruto da sua Páscoa: “Deixo-vos a paz, a minha paz vos dou, mas não como a dá o mundo. Não se turve o vosso coração nem se atemorize” (Jo 14,27). A paz que Cristo nos traz é sempre fruto de uma cruz. Cristo “pacifica pelo sangue da sua cruz” (Col 1, 20).

Todo o Evangelho é um convite à serenidade interior, à concórdia ordenada entre os povos, à alegria da caridade fraterna. “Isto vos mando: Que vos ameis uns aos outros” (Jo 15,17).

Mas o Senhor anunciou sempre tempos difíceis: para Ele e para nós. Nunca predisse aos seus discípulos tempos fáceis ou cómodos. Pelo contrário, exigiu-lhes uma opção muito clara da pobreza, do amor fraterno e da cruz. “Se alguém quer vir após Mim, renegue-se a si mesmo, tome cada dia a sua cruz e siga-me” (Lc 9,23). Ao escriba que se sentiu superficialmente tentado a segui-LO, Jesus respondeu: “As raposas têm tocas e as aves do céu têm ninhos; mas o Filho do homem não tem onde reclinar a cabeça” (Mt 8,19-20).

Jesus é “sinal de contradição” (Lc 2,34). O cristão segue o seu caminho: “Não é o servo maior que o seu senhor, nem o enviado maior do que aquele que o enviou” (Jo 13,15). Por isso todos nós temos que viver necessariamente a Paixão do Senhor e assumir com serenidade e alegria as exigências da nossa entrega: “Se o mundo vos aborrece, sabeí que,

primeiro do que a vós, me aborreceu a Mim. Lembrai-vos da palavra que vos disse: Não é o servo maior que o seu Senhor. Se a Mim Me perseguiram, também vos perseguirão a vós” (Jo 15, 18-20).

Tudo isto, porém, está iluminado por uma nota de esperança realista: “Em verdade vos digo: Chorareis e lamentar-vos-eis; o mundo alegrar-se-á; mas a vossa tristeza converter-se-á em alegria” (Jo 16,20).

7. Sempre foi útil e necessário que houvesse pobres e fortes — com grande capacidade de pressentir na noite a proximidade da aurora, porque vivem abertos à comunicação da Luz — que transmitissem aos seus irmãos a certeza da presença do Senhor e da sua vinda próxima: “Eu estarei sempre convosco, até ao fim do mundo” (Mt 28,20). “Sim, eu venho em breve” (Apc 22,20).

Mas hoje fazem falta mais do que nunca profetas de esperança. Verdadeiros profetas — homens inteiramente possuídos pelo Espírito Santo — de uma esperança verdadeira. Isto é, homens desinstalados e contemplativos que sabem viver na pobreza, a fortaleza e o amor do Espírito Santo e que por isso se convertem em serenas e ardentes testemunhas da Páscoa. Que nos falam abertamente do Pai, nos mostram Jesus e nos comunicam o dom do seu Espírito. Homens que sabem saborear a cruz como São Paulo (Gál 6,14; Col 1,24) e por isso se arriscam a pregar aos seus irmãos que a única força e sabedoria de Deus está em Cristo crucificado (1 Cor 1,23-24). A sabedoria e a potência dos homens não contam: con-

ta só a fecundidade da cruz. Tudo o resto é loucura e fracasso no definitivo de Deus. Cristo fez-se para nós "sabedoria e justiça, santificação e redenção" (1 Cor 1,30).

Quando parece que tudo se rompe — no interior da Igreja ou no coração da história — surgem para o mundo a alegria e a esperança. A esperança cristã nasce do inevitável e providencialmente absurdo da cruz. "Era necessário que sofresse todas estas coisas para entrar na glória" (Lc 24,26).

Mas a esperança cristã é ativa e exige paciência e fortaleza. Só os pobres — os despojados e desnudos, os desprovidos segundo o mundo mas totalmente seguros no Deus que não falha — podem esperar deveras.

8. Os nossos tempos são muito difíceis, na Igreja e no mundo. Por isso mesmo são muito evangélicos. Isso quer dizer "que o Reino de Deus está próximo" (Lc 21,31). É agora que o verdadeiro cristão está chamado a "dar razão de sua esperança" (1 Pdr e 3,15), ou seja, a penetrar pela fé e pelo Espírito Santo no escândalo da cruz e a extrair daí a certeza inabalável da Páscoa para a comunicar aos outros.

Nos tempos difíceis projetam-se o medo, a tristeza, o desânimo. Multiplica-se então a violência. A violência é sinal do escurecimento da verdade, do esquecimento da justiça, da perda do amor. Os períodos em que se multiplica a violência são os mais miseráveis e estéreis. Revelam claramente que falta a força do Espírito; pretende-se, por isso, substituí-la com a imposição da força. Vivemos hoje tempos de desencontro

e de violência. Tempos, sobretudo, em que cada um se sente com o direito de fazer justiça por própria conta, porque julga que é o único que possui a verdade absoluta, que é inteiramente fiel ao Evangelho e que é o único que luta pelos direitos humanos.

Nos tempos difíceis é este precisamente um dos perigos mais graves: julgar que se alcançou já definitivamente Cristo. O que significa uma negação da esperança, na psicologia e na espiritualidade de São Paulo: "Isso não quer dizer que eu tenha já alcançado a meta, ou que seja já perfeito, mas prossigo a minha carreira para ver se de algum modo a poderei alcançar, visto que já fui alcançado por Jesus Cristo. Irmãos, não penso que já a alcancei... prossigo em direção à meta" (Flp 3,12-14).

Outra dificuldade séria para os tempos difíceis é a consciência derrotista de que é impossível superá-los. E isto é a perda fundamental da esperança. Sentem essa dificuldade o político e o religioso, o homem adulto e o adolescente, o jovem operário e o universitário. Santo Tomás define o objeto da esperança como um bem futuro, árduo, mas que é possível alcançar (S. Th. 1.2, 40, 1; 2,2,17, 1).

Por isso, hoje mais do que nunca, torna-se necessária uma meditação simples sobre a esperança. Não com o intuito de consolar os superficiais ou de lhes adormecer a consciência, mas com o desejo de animar os audazes, especialmente os jovens. A eles sobretudo corresponde resgatar a tradição e construir o mundo novo

na esperança. “Escrevo-vos, jovens, porque sois fortes, porque a palavra de Deus permanece em vós e porque vencestes o maligno” (1 Jo 2,14).

9. Ao escrever, penso em todos os cristãos: naqueles que, por misericórdia do Pai, mediante a Ressurreição de Jesus Cristo dentre os mortos, foram regenerados para uma esperança viva (1 Pdr 1,3). Especialmente naqueles que foram providencialmente marcados pela cruz e são chamados a dar testemunho de Jesus na pobreza extrema, na perseguição, nos cárceres e na morte. Penso de maneira especial nos Bispos e nos sacerdotes que, por definição, são as primeiras testemunhas da Páscoa (At 1,8) e, por conseguinte os profetas essenciais da esperança. Penso também especialmente nos religiosos e nas religiosas (em todas as almas consagradas) que por vocação específica anunciam o reino definitivo. Eles são, por eleição divina, profetas de esperança, serenos e luminosos.

Não penso exclusivamente num país ou num continente determinado. Olho mais amplamente para o mundo e para a Igreja que sofrem. Sofrem o Papa e os Bispos, os sacerdotes e os leigos, os religiosos jovens e os adultos, os povos que padecem fome e se encontram oprimidos, os estadistas e os homens da rua.

São tempos difíceis e humanamente absurdos. Mas é preciso saber descobrir, saborear e viver com intensidade a fecundidade providencial e irrepetível desta hora. Não é a hora dos fracos ou dos covardes — dos que escolheram Cristo pela

segurança da salvação ou pela recompensa do prêmio — mas dos fortes e audazes no Espírito. Daquelles que escolheram o Senhor pela honra do Seu nome, pela alegria da Sua glória e pelo serviço aos irmãos. É a hora das testemunhas e dos mártires.

10. Não nos assustem os sofrimentos; fiquem iluminados na esperança dos novos tempos: “Tenho como coisa certa que os sofrimentos do tempo presente nada são em comparação com a glória que há-de revelar-se em nós” (Rom 8,18).

Não se trata, porém, de viver ociosamente à espera dos novos tempos, mas de os ir preparando na caridade e na justiça. Tempos de paz cuja característica seja “a alegria do Espírito Santo” (1 Tes 1,6). O Deus de toda a consolação “consola-nos em todas as nossas tribulações, a fim de podermos consolar, com a mesma consolação com que somos consolados, aqueles que estão atribulados. Pois, assim como crescem em nós os padecimentos de Cristo, crescem também por Cristo as nossas consolações... Temos uma esperança bem fundada” (2 Cor 1, 3-7).

Para os tempos difíceis é preciso a esperança. Mas a esperança firme e criadora dos cristãos que se apóia “no amor do Pai manifestado em Jesus Cristo, Nosso Senhor” (Rom 8,39) e que exige em nós a pobreza, a contemplação e a fortaleza do Espírito Santo.

São Pedro exorta os cristãos do seu tempo: “E quem é que vos poderá fazer mal, se fordes zelosos do

bem? Se pãdecerdes alguma coisa por causa da justiça, felizes de vós! Não temais nem vos deixeis perturbar. Mas venerai Cristo Senhor nos

vossos corações e estai sempre prontos a responder a todo aquele que vos perguntar a razão da vossa esperança (1 Pdr 3,13-15).

II — “Cristo Jesus, nossa esperança” (1 Tim 1,1)

11. Uma meditação simples sobre a esperança tem que começar por ser uma contemplação simples de Jesus Cristo, “nossa feliz esperança” (Ti 2,13). Sobretudo no Seu Mistério Pascal; foi aí que Jesus Cristo superou definitivamente os tempos difíceis. Por isso a Igreja vive agora apoiando-se na cruz e canta a certeza da sua esperança: “Salve, ó cruz, nossa única esperança” (hino de Vésperas no tempo da Paixão). Porque a cruz leva-nos definitivamente à ressurreição: “Resuscitou Cristo, minha esperança” (Seqüência da Páscoa).

Interessa-nos, sobretudo, ver como Cristo venceu os tempos difíceis. O importante é Ele ter vindo não para suprimir os tempos difíceis mas para nos ensinar a superá-los com serenidade, com fortaleza e com alegria. Como não veio para suprimir a Cruz, mas para dar-lhe sentido.

Cristo nasce na plenitude dos tempos difíceis. Aí está Maria. Vem para nos trazer a liberdade e tornar-nos filhos do Pai no Espírito (Gál 4,4-7). A plenitude dos tempos, no plano do Pai, está marcada pela plenitude do difícil: consciência profunda do pecado, opressão e miséria, desejo e esperança da salvação. É então que nasce Jesus.

A primeira coisa que nos revela Jesus, como caminho para superar os tempos difíceis — é o amor do Pai e o sentido da sua vinda: “Deus amou de tal modo o mundo que Lhe deu o seu Filho único para que todo o que nele crer não pereça, mas tenha a vida eterna. Porque Deus não enviou o Seu Filho ao mundo para condenar o mundo, mas para que o mundo seja salvo por Ele” (Jo 3,16-17).

Por isso, quando nasce Jesus, o Anjo anuncia a alegria e a esperança: “Não temais, pois vos anuncio uma grande alegria, que o será para todo o povo: Hoje, na cidade de Davi, nasceu-vos um Salvador, que é o Messias Senhor (Lc 2, 10-11).

Cristo veio para nos falar abertamente do Pai (Jo 16,25), introduzir-nos nos mistérios do Reino (Mt 13, 11) e indicar-nos o caminho para a verdadeira felicidade (Mt 5,1-12). As Bem-aventuranças são agora a única maneira de mudar o mundo e a manifestação mais clara de que os tempos difíceis podem converter-se em tempos de graça: “Este é o tempo favorável, este é o dia da salvação (2 Cor 6,2).

Quando Jesus nos quer ensinar a viver na esperança e a superar assim os tempos difíceis indica-nos sempre três atitudes fundamentais: a

oração, a cruz, a caridade fraterna. São três modos de entrar em comunhão gozosa com o Pai. São, por isso, três modos de nos sentirmos fortes nele e de experimentarmos a alegria de servir os nossos irmãos. Mas, em definitivo, a atitude primeira e essencial para viver e superar os tempos difíceis é a confiança no amor do Pai: "O Próprio Pai vos ama" (Jo 16,27).

Em Jesus, o caminho para os tempos difíceis não é o medo, a insensibilidade ou a violência. Pelo contrário, é a alegria do amor ("amai os vossos inimigos e orai pelos que vos perseguem", Mt 5,44), é o equilíbrio e a força da oração ("orai para não cairdes em tentação", Mt 26,41), é a serenidade fecunda da cruz ("se o grão de trigo morrer, dá muito fruto", Jo 12,24).

12. A história marcava a plenitude dos tempos quando Jesus nasceu. A sua encarnação redentora foi a realização da esperança antiga e o princípio da esperança nova e definitiva. Desde que nasceu Jesus — sobretudo desde que, depois de ser glorificado à direita do Pai, enviou sobre o mundo o Seu Espírito — nós vivemos no tempo da esperança, que será definitivamente consumado quando Jesus voltar para entregar o Reino ao Pai (1 Cor 15,25-28).

São Paulo resume admiravelmente estes conceitos num texto que se lê, significativamente, na Liturgia da noite de Natal: "A graça de Deus, fonte de salvação, manifestou-se a todos os homens, ensinando-nos a renunciar à impiedade e aos desejos mundanos, a fim de que vivamos no século presente com toda a so-

briedade, justiça e piedade aguardando a bem-aventurada esperança e a vinda gloriosa do grande Deus e Salvador nosso, Jesus Cristo, que se entregou por nós" (Ti 2,11-14).

Quer dizer, a esperança brilha para o mundo quando Jesus nasce e morre pelos homens. O caminho e a certeza da esperança são muito diferentes no plano de Deus e nos cálculos humanos. A esperança, no mistério de Cristo, começa por ser humilhação, aniquilação e morte; por isso o Pai o exaltará e Lhe dará um nome superior a todo o nome (Flp 2,7-9).

13. Cristo sentiu medo, tristeza e angústia perante a iminência dos tempos difíceis. "Começou a sentir pavor e a angustiar-se" (Mc 14,33). "Começou a entristecer-se e a angustiar-se" (Mt 26,37). É um temor, uma angústia, uma tristeza de morte. Procura superar o momento difícil na intensidade serena da oração como comunhão gozosa com a vontade do Pai: "Cheio de angústia, pôs-se a orar mais instantemente e o suor tornou-se-Lhe como grossas gotas de sangue que caíam na terra" (Lc 22,39-44).

Mas o Senhor sente a importância, a fecundidade e o gozo dos tempos difíceis: "A minha alma está perturbada, e que direi Eu? Pai, salva-me desta hora" (Jo 12,27). Mas por causa disso é que cheguei a esta hora.

Isso não quer dizer que o Senhor procure colocar-se inutilmente no difícil ou antecipar por própria conta a sua hora. "Então, apanharam pedras para Lhas atirarem, mas Je-

“sus ocultou-Se e saiu do templo” (Jo 8, 59). Não fez isso para evitar os tempos difíceis nem por querer arredar-se da cruz; fê-lo simplesmente “porque não havia chegado ainda a sua hora” (Jo 7,30).

Aconselhará aos Seus discípulos a mesma sabedoria e generosidade perante a Cruz. Não lhes antecipa caminhos fáceis. Anuncia-lhes tempos difíceis, mas recomenda a prudência evangélica: “Envio-vos como ovelhas para o meio de lobos; sede prudentes como as serpentes e simples como as pombas” (Mt 10,16).

14. Há momentos particularmente difíceis na vida de Jesus. Assim, por exemplo, o fato de ter sido rejeitado pelos seus: “Veio ao que era Seu, e os Seus não o receberam” (Jo 1,11). Assim também a divisão entre os seus discípulos e o abandono dalguns deles porque para eles a sua “linguagem era dura”. Deve ter sido este um dos momentos mais dolorosos na vida do Senhor: “A partir de então muitos dos Seus discípulos retiraram-se e já não andavam com Ele” (Jo 6,66).

Mas, sem dúvida alguma, a hora mais difícil de Jesus é a hora da sua Paixão. Foi por Ele ardentemente desejada, por três vezes anunciada aos discípulos, fortemente temida, mas intensamente amada e assumida: “Chegou a hora de ser glorificado o Filho do homem. Em verdade, em verdade vos digo: se o grão de trigo, caindo na terra, não morrer, fica ele só; mas se morrer, dá muito fruto” (Jo 12,23-24).

Assim nos ensina Jesus a superar os tempos difíceis. Pela sua en-

trega incondicional ao Pai na cruz converte a morte em vida, a tristeza em alegria, a servidão em liberdade, as trevas em luz, a divisão em unidade, o pecado em graça, a violência em paz, o desespero em esperança.

Jesus não anula os tempos difíceis. Nem os torna fáceis. Converte-os simplesmente em graça. Faz com que neles se manifeste o Pai e convida-nos a assumí-los com a esperança que nasce da cruz.

Para entender como Jesus viveu e superou, pelo mistério da cruz pascal, os tempos difíceis, é preciso meditar com simplicidade e amor o famoso hino de São Paulo sobre a glorificação de Cristo mediante a humilhação da encarnação, a sua obediência até à morte de cruz e a sua exaltação como Senhor de todas as coisas (Flp 2, 6-11).

15. É este o Cristo que vive hoje na Igreja. Por isso a Igreja — Sacramento do Cristo Pascal — é hoje no mundo o sinal verdadeiro de esperança. Assim fez o Senhor quando enviou, do seio do Pai, o Espírito Santo que habita na Igreja, a vivifica e a unifica. O Pentecostes, plenitude da Páscoa, é a manifestação do senhorio de Jesus e a certeza de que a Igreja, penetrada pelo Espírito, vencerá os tempos difíceis.

A Igreja prolonga no tempo a paixão de Cristo a fim de a completar (Col 1, 24). O Senhor tinha-o predito: “Chegará a hora em que todo aquele que vos matar, julgará prestar um serviço a Deus” (Jo 16,2). É isto que é doloroso na Igreja: quando os irmãos se enfren-

tam violentamente, se perseguem, se encarceram e se matam uns aos outros, no nome do Senhor.

Não é o momento para desesperar, mas para recordar a frase do Senhor: "No mundo tereis aflições,

mas tende coragem! Eu venci o mundo" (Jo 16,33).

Os tempos difíceis são sempre vencidos com a plenitude do amor, com a fecundidade da cruz e com a força transformadora das Bem-aventuranças Evangélicas.

III — Pobreza e esperança

"Bem-aventurados os que têm alma de pobres porque deles é o Reino dos Céus" (Mt 5,3).

16. Para enfrentar os tempos difíceis — para os superar na fecundidade do amor e na força transformadora da esperança — é preciso ser pobres.

Tínhamos confiado excessivamente na técnica, na ciência e na força dos homens. Descobrimos o homem e a sua história, o tempo e o mundo, mas esquecemo-nos de Deus e perdemos a perspectiva do eterno. Sentimo-nos demasiado seguros em nós mesmos.

Por isso, a primeira condição para esperar de veras é ser pobre. Só os pobres — que se sentem inseguros em si mesmos, sem direito a nada, e sem ambição de nada — sabem esperar. Porque colocam toda a sua confiança unicamente em Deus. Contentam-se com o que têm.

Os verdadeiros pobres nunca são violentos, mas são os únicos que possuem o segredo das transformações profundas. Talvez isto pareça uma ilusão. Mas não o é se nos colocarmos na perspectiva do plano do Pai, incompreensível para nós, e na ação do Espírito. Não esqueçamos que os frutos do Espírito são amor, alegria, paz (Gál 5,22).

17. Os tempos difíceis manifestam-se quando as coisas ou os homens nos aprisionam, limitam a nossa liberdade, escurecem o horizonte, ou nos impedem de sermos fiéis ao desígnio do Pai e à realização da nossa vocação divina. Os tempos difíceis começaram quando o demônio fez com que os homens perdessem a liberdade, com o pretexto de que viriam a ser como deuses (Gên 3,5). Por isso o tempo da esperança começa quando o Filho de Deus se despoja da manifestação da Sua glória e se faz servo, obediente até à morte e morte de cruz (Flm 2,8). O despojamento de Cristo — a sua humilhação e a sua morte — abrem-nos o caminho da riqueza e da liberdade. "Sendo rico, fez-se pobre por nós, para nos enriquecer com a sua pobreza" (2 Cor 8,9). Assim nos liberta Cristo do pecado e da morte (Rom 8, 2). Veio para nos tornar livres (Gál 5,1) tirando com a sua morte "o pecado do mundo" (Jo 1,29).

18. Uma manifestação clara da falta de pobreza é a segurança em si mesmo e o desprezo dos outros. "Dou-Te graças, Senhor, por não

ser como o resto dos homens” (Lc 18,11). É também este pecado da segurança em si mesmo que leva São Pedro, apesar da sinceridade do seu amor ao Mestre, a correr perigo e a cair: “Embora todos se escandalizem de Ti, eu nunca me escandalizarei” (Mt 26,33). Em definitivo, o rico, aquele que se sente seguro de si, não precisa do Senhor. Por isso não poderá nunca crer de veras em Deus cuja essência é a bondade e a misericórdia do perdão. É interessante por isso a solene confissão de fé de São Paulo: “Eis o que é certo e digno de toda a aceitação: Jesus Cristo veio a este mundo para salvar os pecadores, dos quais sou eu o primeiro” (1 Tim 1,15). Quando nos sentimos pobres e miseráveis, Deus torna-se especialmente próximo e íntimo. A consciência clara e serena da própria limitação e miséria faz com que entre em nós Jesus Cristo, o Salvador. Em Maria, a pobre, fez maravilhas o Onipotente, aquele cujo nome é santo (Lc 1,48-49). Por isso Maria, a serva humilde do Senhor, mudou a história.

19. É interessante comprovar que os tempos se tornam particularmente difíceis quando cada um julga possuir a chave infalível para a solução de todos os problemas. Quando, por exemplo, na Igreja alguns julgam que são os únicos pobres, os únicos que compreenderam o Evangelho, que descobriram o segredo para tornar mais próximo e transparente Jesus Cristo ou que são os únicos realmente comprometidos com a libertação do homem, enquanto outros sentem que são os únicos fiéis à riqueza da tradição

ou se sentem mestres infalíveis dos seus irmãos. Ou também na sociedade civil, quando alguns pensam superficialmente que os outros não fizeram nada e que a única fórmula para transformar o mundo são eles que a possuem. O fracasso sucessivo dos homens — com a desilusão conseqüente dos jovens — deveria constituir um chamamento à pobreza. A virtude da pobreza não é apenas uma virtude cristã; é uma atitude necessária e primordial para os homens importantes. As tensões nascem com freqüência do pretendido direito à exclusividade da verdade e da santidade. A paz só se dá entre corações disponíveis; e a disponibilidade supõe a pobreza.

A esperança cristã apóia-se na onipotência e na bondade de Deus. Para apoiar-se em Deus é preciso ser pobre. A pobreza cristã é o despojamento total de si próprio, das coisas, dos homens. É fome de Deus, necessidade de oração e confiança humilde nos irmãos. Por isso Maria, a pobre, confiou tanto no Senhor, e comprometeu a sua fidelidade à Palavra (Lc 1, 38). O cântico de Maria é o grito de esperança dos pobres.

20. Esta mesma meditação sobre a esperança para os tempos difíceis tem que manter-se necessariamente numa linha de pobreza. Por isso é extremamente simples. Se pretendesse ser técnica e esgotar o tema ou ensinar os outros e corrigí-los, deixaria de ser uma manifestação de Deus aos pobres. Deixaria de ser pobre. Tem que ser apenas uma comunicação simples de Deus para

despertar as verdades profundas semeadas no coração do homem e uma preparação para receber a verdade completa que é Cristo (Jo 16,33).

A esperança é uma virtude forte, mas gozosa e serena. Assemelha-se nisso à pobreza. A pobreza real é forte, mas não agressiva; nalgumas circunstâncias é muito dolorosa, mas nunca deixa de ser serena e alegre. O pobre espera o Senhor mais do que os vigias a aurora (Sl 130, 5-6) e tem os olhos fixos no Senhor, co-

mo os olhos da serva estão fixos nas mãos das suas Senhoras (Sl 123,2).

A pobreza e a esperança levam-nos a centrar os nossos desejos e a nossa segurança em Jesus Cristo. A pobreza abre-nos a Jesus Cristo, nosso Salvador. A esperança leva-nos a atender para o seu encontro. Leva-nos a pensar também em Maria, que sintetiza o "pequeno resto" dos "pobres" que em Israel esperavam a salvação. Em Maria, a pobre, cumpriu-se a plenitude dos tempos. Por isso ela é a Mãe da Santa Esperança.

IV — Esperança e contemplação

“Sede alegres na esperança, pacientes na tribulação, perseverantes na oração” (Rom 12,12).

21. Só o contemplativo sabe esperar bem. Porque a ilusão do imediato pode fazer-nos perder a realidade do profundo e a presença do definitivo. Esperança é isto precisamente: fruição antecipada do futuro. Como a eternidade será a fruição definitiva do esperado. Também aqui encontramos uma aplicação das Bem-aventuranças: só os limpos de coração têm capacidade para ver a Deus (Mt 5,8).

A esperança supõe grande equilíbrio interior. Em geral angustiamos-nos e desesperamos quando não temos tempo nem capacidade para rezar. Os monges pacificam-nos, não só por serem sinal daquilo que há-de vir (dos bens futuros que esperamos), mas também porque nos introduzem no invisível de Deus e nos fazem experimentar agora a sua presença. A experiência de

Deus na oração inunda-nos da “alegria da esperança” (Rom 12,12). Por isso é espantoso quando um monge deixa a contemplação atraído pela ilusão de transformar o mundo com uma atividade direta. A sua maneira específica de mudar o mundo, de construir a história e de salvar o homem, é continuar a ser profundamente contemplativo. Verdadeiro homem de Deus e mestre de oração. Ou seja, autêntico vidente.

A contemplação, todavia, não é esquecimento da história nem fuga da problemática do mundo. Seria um modo absurdo de comprazer-se em si mesmo, deixando sempre o Senhor na penumbra. A contemplação verdadeira é dom do Espírito Santo. Só é possível consegui-la com limpeza de coração e com fome de pobres.

22. A contemplação leva-nos a descobrir o plano de Deus e a passagem do Senhor pela história, a atividade incessantemente recriadora do Espírito. Um verdadeiro contemplativo faz-nos compreender três coisas: que o único importante é Deus; que Jesus vive entre os homens e conosco peregrina para o Pai; que a eternidade já começou e caminhamos com Cristo para a consumação do Reino (1 Cor 15, 24).

A contemplação descobre-nos permanentemente a Jesus Cristo, “nossa esperança” (1 Tim 1,1). Torna-nos presente o Senhor nos momentos difíceis: “Sou eu, não tenhais medo” (Mc 6,50). Abre-nos aos irmãos: “Tudo o que lhes fizerdes, a mim o fareis” (Mt 25,40).

Há aspectos que interessam essencialmente a esperança e que são facilmente perceptíveis pelos contemplativos: a penetração dos bens invisíveis, a pré-fruição dos bens eternos, a proximidade e a habitação em nós do Deus onipotente e bom, a apreciação do tempo e do homem, a presença de Jesus Cristo na história, o dinamismo da criação para a sua recapitulação definitiva em Cristo (Rom 8,18-25; Ef 1,10), a atividade incessantemente recriadora do Espírito Santo que habita em nós e que ressuscitará os nossos corpos mortais (Rom 8,11), tornando-os conformes ao corpo glorioso de Nosso Senhor Jesus Cristo (Flp 3,21). A esperança é essencialmente um caminho para o encontro definitivo com o Senhor (1 Tes 4,17), apoiando-nos no Deus que nos foi dado em Jesus Cristo.

Mas é preciso viver em comunhão para esperar deveras; por isso a caridade é essencial para a esperança cristã (S. Tomás 2, 2, 17, 3). Há até casos em que precisamos de esperar com a esperança dos amigos. Quando o cansaço ou o desânimo nos fazem desfalecer — como Elias no deserto — há sempre alguém que nos grita no nome do Senhor: “Levanta-te e come; porque tens ainda muito caminho a percorrer” (1 Rs 19,7).

A contemplação é a capacidade de descobrir imediatamente a presença do Senhor nos amigos como instrumentos de Deus. Como os cansados discípulos de Emaus O reconheceram na fração do pão (Lc 24,35).

23. Os tempos difíceis têm que ser permeados por esta realidade que provém da profundidade da contemplação. Faz-nos ver longe e até ao fundo. Descobre-nos também as causas do mal: o motivo porque sucedem semelhantes coisas. Faz-nos descobrir sobretudo a cada momento o plano salvífico de Deus entre os desconcertantes e absurdos acontecimentos humanos. Pela contemplação alcançamos a certeza de que o que é impossível para os homens se torna possível só em Deus.

É importante compreender que os caminhos de Deus são misteriosos e não coincidem muitas vezes com os caminhos dos homens. Se as coisas se tornam difíceis é porque os homens entortam ou mudam os caminhos de Deus. Impressiona-me sempre nos Atos dos Apóstolos a atitude de São Paulo: “O Espírito Santo não lhe permitiu” (At 16,7).

24. Mas, sobretudo, a contemplação torna-nos humilde e docilmente atentos à palavra de Deus: é aí que se nos comunica, sempre no claro-escuro da fé, o que quer Deus de nós, porque sucedem certas coisas, o que temos de fazer para mudar a história. Maria mudou a história de escravidão em história de liberdade (com aquela liberdade com que Cristo nos libertou: Gál 5,1) pela sua humilde disponibilidade de escrava do Senhor.

A contemplação põe-nos em contato vivo com a Palavra de Deus; aí podemos saborear a história da salvação e aprender a sentir como Deus “visitou e remiu o Seu povo” (Lc 1,68). Na Palavra de Deus entendemos concretamente como Deus pode separar as águas para que passem os eleitos (Êx 14,21-23) e como depois a volta a juntar para sepultar aqueles que os perseguem, como um pequeno pastor, sem armas, pode derrubar com um tiro de funda o gigante que ameaça o povo (1 Sam 17,49). Compreendemos sobretudo como não há momentos impossíveis para Deus; que é preciso saber aguardar com paciência; e que a salvação nos vem donde menos se pode esperar humanamente” (“De Nazaré pode vir alguma coisa boa?” — Jo 1,46; cfr. 1 Cor 1, 27-28).

25. Os contemplativos possuem uma grande capacidade de recriar continuamente a palavra de Deus pelo Espírito, tornando-a prodigiosamente atual. Para que não pensemos com pessimismo “que já não há remédio”, que os nossos tempos “são os mais obscuros e difíceis da história”.

São João, o contemplativo, escrevia em tempos difíceis aos jovens seus contemporâneos: “Escrevo-vos, jovens, porque sois fortes, porque a Palavra de Deus permanece em vós, e porque vencestes o maligno” (1 Jo 2,14). Não será por isso que hoje mais do que nunca amam a contemplação e buscam o deserto e a fecundidade da Palavra? Não será porque sentem em carne viva quão difíceis são os tempos em que vivemos e que o único modo de os superar é armar-se de fortaleza no Espírito e deixar que a Palavra de Deus habite pela contemplação nos seus corações? Os tempos difíceis são tempos idôneos para a pobreza, para a contemplação e para fortaleza dos jovens. Por isso são também os mais idôneos para a sua esperança.

A contemplação ajuda-nos a decifrar o mistério da cruz, a vencer o seu escândalo e a sua loucura (1 Cor 1,23); faz-nos vencer o medo e o desespero, porque nos ajuda a sentir a alegria e a fecundidade dos sofrimentos (Gál 6,14; Col 1,24; Jo 12,24). O medo, a tristeza e a angústia, podem coexistir transitivamente com a contemplação. Coexistiram na profundidade dolorosamente serena da oração de Cristo no Horto das Oliveiras (Lc 22, 39 ss).

Mas tudo encontra solução na entrega incondicional, absoluta e inteiramente filial, à vontade do Pai: “não se faça a minha vontade mas a tua” (Mt 26,39). Aprendemos desta maneira que a oração é muito simples e serena, que a oração é entrar simplesmente em comunhão com a vontade adorável do Pai:

“Sim, Pai, porque esta foi a tua vontade” (Lc 10,21).

26. A contemplação dá-nos o equilíbrio interior porque nos põe em contato imediato com Jesus Cristo “nossa Paz” (Ef 2,14), e pelo seu Espírito que, no nosso silêncio intercede por nós com gemidos inexprimíveis (Rom 8,26), faz-nos saborear os segredos do Pai. Faz-nos penetrar na profundidade do amor; e no amor não há temor (1 Jo 4,18).

Uma das experiências mais profundamente humanas é o medo. Mas Jesus Cristo veio libertar-nos do medo; por isso Ele mesmo se sub-

meteu à experiência transitória do medo (Mc 14,33). Mas pediu-nos que não tivéssemos medo (Jo 14,1 e 27). A experiência do medo é fundamentalmente boa, cristã, própria dos pobres. O que não é cristão é angústia dum medo que destrói e paralisa, que nos fecha à comunicação dos irmãos e à confiança simples em Deus Pai.

Por isso o Evangelho da salvação e da graça é um convite contínuo à serenidade, uma exortação permanente a não termos medo: a Anunciação (Lc 1, 30), o Nascimento de Cristo (Lc 2,10), a Ressurreição (Mt 28,10). “Não tenhas medo”. “Não tenhais medo.”

V — Fortaleza e esperança

“Não só nos gloriamos nisto, como também nas tribulações, conhecedores como somos de que a tribulação produz a constância; esta produz a virtude a toda a prova; e esta a esperança. A esperança não nos deixa confundidos, porque o amor de Deus foi derramado em nossos corações, pelo Espírito Santo que nos foi concedido” (Rom 5, 3-5).

27. São Paulo sente, como Jesus Cristo, a glória e a fecundidade do sofrimento. “Não me glorio a não ser na cruz de Nosso Senhor Jesus Cristo” (Gál 6,14). É a cruz interior e exterior, assumida com alegria pela Igreja e pelo mundo: “Alegro-me nos sofrimentos suportados por vossa causa e completo na minha carne o que falta aos sofrimentos de Cristo pelo Seu Corpo, que é a Igreja” (Col 1,24). Essa dita de sofrer por Cristo deseja-a também de coração para os seus filhos aos quais pede que continuem a ser

“dignos servidores do Evangelho... sem se deixarem atemorizar em nada pelos adversários. Deus concedeu-vos não só a graça de crer em Cristo, mas também de sofrer por Ele” (Flp 1,27-30).

Mas esta felicidade profunda do sofrimento está ligada com a firmeza da esperança. É a esperança, por sua vez, extrai a sua força do amor do Pai manifestado em Cristo Jesus (Rom 8,39) e comunicado a cada um pelo Espírito Santo que nos foi concedido.

28. A esperança exige fortaleza para superar as dificuldades, para assumir a cruz com alegria, para conservar a paz e comunicá-la, para caminhar com serenidade para o martírio. Nunca foi virtude de fracos ou privilégio de insensíveis, ociosos ou covardes. A esperança é forte, ativa e criadora. A esperança supõe o difícil, o que é árduo, embora possível (S. Tomás). Não existe esperança do fácil ou evidente. “A esperança do que se vê não é esperança, pois aquilo que alguém vê, como o pode esperar ainda? Mas, se esperamos o que não vemos, com paciência o esperamos” (Rom 8,24-25).

Os tempos difíceis exigem fortaleza. Em dois sentidos: como firmeza, constância, perseverança, e como compromisso ativo, audaz e criador. Para mudar o mundo com o espírito das bem-aventuranças, para construir na paz, é necessário a fortaleza do Espírito. “Recebereis a força do Espírito Santo que descerá sobre vós e sereis minhas testemunhas” (At 1,8). A primeira condição para uma testemunha da Páscoa — ou seja da esperança — é a contemplação: ter visto e ouvido, ter apalpado a Palavra da Vida (1 Jo 1,1-5); a segunda é a cruz: estar profundamente incorporado à morte e ressurreição do Senhor (Rom 6, 3-6); a terceira é a fortaleza: a capacidade de enfrentar com prontidão e alegria o martírio.

29. Nos tempos difíceis existe uma tentação fácil contra a esperança: começar a pensar inutilmente nos tempos passados ou sondar passivamente que a tempestade vai passar, sem que se faça nada para que

surjam os tempos novos. A esperança é uma virtude essencialmente criadora; por isso, no fim, quando tudo estiver feito e acabado, deixará de existir. O céu será o repouso conseguido pela busca da fé, pela constância da esperança e pela atividade do amor (1 Tes 1,3). A felicidade eterna consistirá nisso precisamente: em gozar para sempre em Deus da posse dum Bem intuído pela fé, buscado pela esperança e alcançado pelo amor.

Mas a fortaleza não é poderio nem agressividade. Há povos que não possuem nada, que esperam tudo e são enormemente felizes. Porque são providencialmente fortes de espírito. Possuem a Deus e gozam, no silêncio da cruz da sua adorável presença.

Para ser homem de paz é preciso ser forte. Só os que possuem a fortaleza do Espírito podem converter-se em operadores da paz (Mt 5,5).

30. A fortaleza é necessária para assumir a cruz com alegria, como o grande dom do Pai, que prepara a fecundidade para os tempos novos. Existe um modo de viver a cruz com amargura, ressentimento ou tristeza. Então a cruz dilacera-nos. Mas a cruz é inevitável na nossa vida e, para os cristãos, é condição essencial do seguimento de Jesus. Não fomos feitos para a cruz mas é preciso passar por ela para entrar na glória (Lc 24,36). Há almas privilegiadas que sofrem muito; mais ainda, o seu grande privilégio é a cruz. Os amigos, como no caso de Jó, quereriam evitá-la. Assim fez também São Pedro, ao não compreender o anúncio da Paixão (Mt

16,22). Também na crucifixão do Senhor, os judeus queriam vê-lo descer da cruz para acreditar nele (Mt 27,42). Hoje cremos mais facilmente num homem que nos fala da cruz numa linguagem de alegria e de esperança. Porque o seu testemunho nasce de uma profunda experiência de Deus.

Um povo que sofre pode cair na resignação passiva e fatalista ou na agressividade da violência. É preciso amá-lo então com a fortaleza do Espírito para o levar a empreender o caminho da esperança. Embora pareça que a terra prometida está muito longe e que a esperança dos profetas — que anuncia castigos e exige a conversão — é uma ilusão inútil. Como se pode falar de esperança quando tantas crianças morrem todos os dias de fome, quando tantos povos padecem miséria e opressão? Como se pode falar de esperança quando se multiplicam as injustiças, as falsas acusações, os raptos, as prisões e as mortes? Como se pode falar de esperança quando a Igreja está ferida por dentro e se põe em questão a pessoa e a autoridade do Papa e dos Bispos?

Todavia, é então que os cristãos verdadeiros tocam a essência da própria fidelidade à Palavra, crêem de veras no Deus que nunca falha e extraem do coração da cruz a esperança que necessitam para comunicar aos seus irmãos. Os homens têm direito a que nós esperemos contra toda a esperança, sejamos construtores positivos da paz, comunicadores de alegria e autênticos profetas de esperança.

31. É preciso preparar-se para o martírio. Houve um tempo em que

líamos com veneração, como história que nos comovia e animava, o relato dos mártires. Hoje, quem se decide a viver o Evangelho a fundo, deve preparar-se para o martírio. O pior é que, em muitos casos, se apedreja e se mata “em nome de Jesus Cristo”. É o cumprimento da palavra do Senhor: “Disse-vos estas coisas para não sucumbirdes... Aproxima-se a hora em que todo aquele que vos matar julgará prestar um serviço a Deus. Digo-vos-lo agora para que quando chegar o momento vos lembreis de que já vo-lo tinha dito” (Jo 16,1-4).

Para esta disponibilidade alegre para o martírio é necessária sobretudo a fortaleza do Espírito. Jesus prometeu o Espírito aos seus Apóstolos para que o pregassem “com potência” — como fruto de uma experiência ou contemplação palpável e agradável — e para que enfrentassem com alegria o martírio.

32. Estamos no núcleo central do Evangelho. Jesus foi rejeitado pelos seus, perseguido e caluniado, encarcerado, crucificado e morto. E também os apóstolos. Mas viveram com alegria a sua participação na cruz de Cristo e prepararam-se para o martírio com paz. “Cheios de alegria por terem sido considerados dignos de sofrer vexames por causa do nome de Jesus” (At 5,41).

São Paulo, estando encarcerado, continua a pregar; o seu grande título é o de ser “o prisioneiro de Cristo” (Ef 4,1). Há nos Atos dos Apóstolos uma bela passagem,terna e ao mesmo tempo forte, que nos revela a profunda e alegre disponibilidade de São Paulo para o mar-

tírio. Quando se despede dos presbíteros de Éfeso diz-lhes: “E agora, aqui vou, preso em espírito, a Jerusalém, sem saber o que lá me espera; só sei que de cidade em cidade o Espírito Santo me avisa que me aguardam cadeias e tribulações” (At 20, 22-23). Mas São Paulo sente-se imensamente feliz — é o único que conta para ele — por ser fiel ao ministério recebido de dar testemunho do Evangelho da graça de Deus.

Hoje sofrem martírio as pessoas, as comunidades cristãs e os povos. Existe a tentação fácil de politicizar o Evangelho. Mas existe também um desejo evidente de silenciar o Evangelho ou de o reduzir a esquemas intemporais. Aceita-se facilmente um Evangelho que proclama a vinda de Jesus ao tempo e anuncia o seu retorno, mas incomoda o Evangelho que nos diz que Jesus continua a viver conosco até ao fim do mundo e nos exige diariamente compromissos de justiça, de caridade fraterna, de imolação ao Pai ou de serviço aos irmãos. “A Igreja tem o dever de anunciar a libertação de milhões de seres humanos, sendo muitos destes seus filhos espirituais; o dever de ajudar uma tal libertação nos seus começos, de dar testemunho em favor dela, e de envidar todos os esforços para que ela chegue a ser total. Isso não é alheio à evangelização” (E.N. 30).

Tudo o que diz respeito ao compromisso evangélico do cristão — glorificador do Pai, servidor dos homens, e construtor da história — é considerado como perigoso e subversivo. E contudo o Evangelho tem alguma coisa a dizer sobre tudo isso

e tem que ser fermento de paz e de salvação para o mundo concreto da história — ordem econômica e social, ordem política — em que se movem os homens. Para manter-se fiel à totalidade do Evangelho é preciso a fortaleza.

33. Há, por fim, uma coisa que exige fortaleza especial: é o equilíbrio do Espírito para os tempos difíceis. Pode existir o perigo de nos refugiarmos na indiferença, na insensibilidade ou no medo. Pode existir também o perigo de nos deixarmos arrastar pela tempestade ou pela euforia fácil do êxito imediato. Não querer mudar nada para não quebrantar a ordem ou perder a unidade. Ou querer mudar tudo, por fora e imediatamente.

Uma das características fundamentais dos tempos novos — talvez a primeira, segundo o Concílio Vaticano II e a Conferência de Medellín — é a mudança. Mudanças rápidas, profundas e universais. Precisamente por isso os tempos novos tornam-se logo tempos difíceis. Mudar tudo de dentro, com a luz da Palavra e da ação do Espírito não é fácil. A mudança não é mera substituição; muito menos, a rápida destruição do antigo. A mudança é criação e crescimento; ou seja, partir da riqueza do antigo, ir criando o presente e preparar o futuro.

Os tempos difíceis podem fazer perder o equilíbrio. Mas a falta de equilíbrio agrava mais ainda a dificuldade dos tempos novos. Porque se perde a serenidade interior, a capacidade contemplativa de ver longe e a audácia criadora dos homens do Espírito. Quando falta o

equilíbrio aumenta a passividade do medo ou a agressividade da violência.

34. Os tempos difíceis exigem homens fortes, isto é, homens que vivem na firmeza e na perseverança da esperança. Para isso são necessários homens pobres e contemplativos, totalmente despojados da segurança pessoal para confiar só em Deus, com grande capacidade para descobrir diariamente a passagem do Senhor pela história e para se entregarem com alegria ao serviço dos homens na construção de um mundo mais fraterno e mais cristão.

Quer dizer, são precisos "homens novos", capazes de gostarem da cruz e de irradiarem a alegria da ressurreição, capazes de amarem a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a si mesmos, capazes de sentirem a proximidade de Jesus e de irradiarem ao mundo a esperança. Capazes de sentirem que o "Se-

nhor está perto" (Flp 4,4), e por isso são impertubavelmente alegres; e de gritar aos homens que o "Senhor vem" (1 Cor 16,22), e por isso vivem na inquebrantável solidez da esperança.

Homens que tiveram a experiência de Deus no deserto e aprenderam a gostar da cruz. Por isso sabem ler na noite os sinais dos tempos, estão decididos a dar a vida pelos seus amigos e, sobretudo, sentem-se felizes por sofrerem pelo Nome de Jesus e por participarem assim profundamente no Mistério da sua Páscoa. Porque, na fidelidade à Palavra, compreenderam que os tempos difíceis são os mais providenciais e evangélicos e que é necessário vivê-los na profundidade da contemplação e na serenidade da cruz. Daí surge para o mundo a vitória da fé (1 Jo 5,4) que se converte para todos em fonte de paz, de alegria e de esperança.

C o n c l u s ã o

"Ao chegar a plenitude dos tempos, Deus enviou o seu Filho, nascido de mulher, nascido sujeito à Lei, para resgatar os que se encontravam sob o jugo da Lei e para que recebêssemos a adoção de filhos" (Gál 4, 4-7).

35. A plenitude evangélica dos tempos difíceis está marcada pela presença de Maria "da qual nasceu Jesus, que se chama Cristo" (Mt 1,16). Quando os tempos difíceis surgiram na história pelo pecado do homem, Maria Santíssima foi anunciada profeticamente (Gên 3,15) como participante na salva-

ção do homem. Quando a "cheia de graça" (Lc 1,28) disse "SIM", os tempos difíceis converteram-se em tempos de salvação. Continuaram a ser difíceis, mais marcados pela cruz do que antes: "será sinal de contradição e uma espada trespassará a tua alma" (Lc 2,34-35) — mas não impossíveis. Porque "para Deus não

há nada impossível” (Lc 1,37). Começou então a mudança da tristeza em alegria, da angústia em serenidade, do desespero em esperança. As três frases do Anjo da Anunciação a Maria são significativas: “Alegra-te”, “Não tenhas medo”, “Para Deus não há nada impossível”. Continua na história este convite profundo de Deus à alegria, à serenidade, à esperança.

Como serão os tempos novos que o Espírito nos tem reservado? Como serão os novos tempos que nós mesmos, como instrumentos do Espírito, prepararemos para o futuro? Tudo depende do plano de Deus, descoberto na contemplação, aceito na pobreza e realizado na fortaleza da disponibilidade.

Maria acompanha-nos. Certamente são momentos duros e difíceis, mas claramente providenciais e fecundos, adoravelmente momentos de graça extraordinária. Humanamente absurdos e impossíveis. Mas o que é impossível para o homem, torna-se possível em Deus. Assim nos garantiu Jesus: “Aos homens é impossível, mas a Deus tudo é possível” (Mt 19,26). Assim o manifestou o Senhor a Abraão (Gên 18,14)

e o Anjo repetiu-o a Maria (Lc 1,37). Assim também o compreendeu Jó, na experiência fecunda da dor, e o manifestou na sua última resposta ao Senhor: “Sei que és todo-poderoso, e que para ti nenhum plano é irrealizável” (Jó 42,22).

É preciso somente que vivamos na esperança; e por isso mesmo na pobreza, na contemplação e na fortaleza do Espírito. Mais concretamente ainda, com a humilde, alegre e total disponibilidade de Maria, a Virgem Fiel, que disse “sim” ao Pai e mudou a história. Por isso agora, iluminada pelo Espírito e Mãe do Salvador — é para nós Causa da nossa alegria e Mãe da Santa Esperança.

Em Maria e com Maria, a Igreja — que acolhe na pobreza a Palavra de Deus e a realiza (Lc 11,28) — vive silenciosa e forte ao pé da cruz pascal de Jesus (Jo 19,25) e canta feliz a fidelidade de um Deus que continua a operar maravilhas na pequenez dos seus servidores.

E espera em vigília de oração o Senhor que chega (Mt 25, 6). “Sim, eu venho em breve.” Amém. “Vem, Senhor Jesus!” (Apc 22,20).

O SOFRIMENTO DO JUSTO NESTE MUNDO

D. Luciano Pedro Mendes de Almeida

Escolhemos um tema que possa nos ajudar a rezar, procurando partir da experiência da vida. Há muito sofrimento em nossa vida: alguns de nós tivemos uma infância normal, outros sofremos, já nos primeiros anos, a perda de um parente, situações econômicas angustiantes, depois, dificuldades na vida de estudos, incompreensões, etc. Sabemos como a infância marca fortemente a vida que vem depois.

Há os que passaram pela infância incólumes, mas na juventude tiveram que enfrentar graves sofrimentos. Hoje, todos, não só temos nossos sofrimentos pessoais, mas aprendemos a assumir o dos outros.

Estamos na Quaresma. Ela traz à nossa mente a consideração da Paixão de Cristo. Aproveitemos para comparar a nossa vida e o nosso sofrimento com a verdade misteriosa do Filho de Deus que passa pelo sofrimento.

E isso é muito instrutivo para nós. No fundo estamos bem, quando

as coisas vão bem. Mas ficamos depressos, angustiados, perdemos a paz, quando vem sobre nós uma doença grave, uma provação forte sobre a nossa família ou pessoas que conhecemos.

Nesses casos é-nos difícil transformar tudo em confiança. Diante, portanto, de uma comunidade como esta do Colégio Sto. Inácio, que procura progredir espiritualmente, quisera agora resumir alguns pensamentos que me acompanham há muito tempo e, com simplicidade, colocá-los em comum com meus irmãos.

Assim, convido a todos a contemplar a própria vida.

O justo sofre

O que é que está acontecendo conosco?

Estamos aí, nessa existência fugaz, constatando desde cedo que a vida é crivada de sofrimento. E esse sofrimento para nós, hoje, não é apenas o sofrimento pessoal, não

é só isso, é o grande sofrimento no qual o mundo todo está mergulhado.

Podemos recordar as injustiças, o desnível entre as classes sociais e todas as conseqüências do egoísmo e do pecado. O pobre sofre porque não tem bens materiais e o rico sofre porque não tem paz, nem alegria no coração. Tudo isto é que nos angustia.

Estamos convencidos da bondade de Deus: Deus é bom. Essa bondade se traduz em bênção, em felicidade do homem. Por outro lado, estamos aí na "curtição" da vida mergulhados num mar de sofrimentos.

Pensemos nas famílias divididas, nos conflitos do coração humano, onde há o ódio, inveja e pecado. Tudo isto misturado dá à vida um saldo negativo. Não é fácil viver. Talvez para nós, que estamos pacificados pelo Evangelho, amparados pela vida religiosa, haja uma resultante de abandono, de confiança muito grande. Mas, a massa dos nossos irmãos vive na angústia e não sabe bem o que pensar diante do sofrimento em que o homem está mergulhado.

Eis o tema de nossa oração: "Como compreender, à luz da fé, todo este sofrimento?" Podemos concentrar mais a pergunta: "Por que é que sofre um homem que está em graça de Deus, por que é que um homem "justo" vive no sofrimento?"

Sei que estamos sempre refletindo sobre isso, mas procuremos, à luz da fé, penetrar mais uma vez na Paixão do Senhor e na paixão dos homens.

Sabemos que o sofrimento purifica o homem e ajuda a reparar o seu pecado passado. Mas o problema permanece: pois conhecemos pessoas boas, pessoas que têm fé, são fiéis a Deus e que sofrem muito. Ora, é voz corrente entre nós que o sofrimento é castigo do pecado. Como é, então, que pessoas tão boas sofrem tanto, quando deviam sofrer menos por terem menos pecado. Essa desproporção é que questiona a nossa compreensão da Providência e da Paternidade de Deus. Peçamos a Deus que aumente a nossa fé para compreendermos melhor esta realidade.

Para abreviar a exposição e torná-la mais concreta começemos por uma comparação. Depois vamos aplicá-la à história da salvação.

A comparação

A comparação é a seguinte: imaginemos um rapaz que está drogado, cujo organismo alterado pelos tóxicos requer um tratamento especial. O rapaz é de condição humilde e tem que ir a um hospital de subúrbio. Com ele vai também a mãe do rapaz. Ela sabe que não pode entrar no hospital, mas insiste para estar ali com o filho e apesar da exceção que isto exige, concedem-lhe permissão para ficar. Podemos representar o quadro: no quarto de hospital está o rapaz deitado na cama com convulsões causadas pelos tóxicos e, ao lado dele, num banquinho, a pobre mãe. No hospital há falta de asseio, a comida servida já meio fria vem sem sabor, em pratos plásticos. Hospital ao lado da rua, com poeira, baru-

lho. Ouve-se uma pessoa morrendo do lado, outra, gemendo. Médico que é bom não vai para esse lugar. Resultado: esse rapaz está num ambiente extremamente desagradável. Sofre a doença e sofre também o ambiente, que é uma pequena prisão. Mas, ele precisa de estar ali. Por outro lado, a mãe dele está ali também. Então, a pergunta que nos vai esclarecer é a seguinte: 'por que é que a mãe está ali?'

Ela não está intoxicada, não está doente e, no entanto, ela está no hospital. A resposta é tão simples para nós: ela é mãe. Ela acredita que pode fazer alguma coisa em bem desse rapaz, seu filho.

De fato, ela ajeita o lençol, vai buscar água fresca, abre a janela, chama a enfermeira e, às vezes, dá uma notícia, sorri, faz companhia. Ela não é enfermeira, não é médica, mas está ali. Então, o ponto de partida para a nossa comparação teológica é o seguinte: duas pessoas estão aí, no mesmo lugar, com a mesma poluição ambiental; os dois sofrem o calor, a poeira, os gemidos do lado, o atraso da enfermeira, a ausência do médico, a alimentação descuidada, as saudades da casa. Os dois sofrem tudo isto. Mas, penetremos um pouco mais na razão do sofrimento. O rapaz sofre porque está drogado e doente e, finalmente porque quis. Ela sofre, e sofre mesmo, porque é mãe. Sofre porque seu filho está sofrendo. Está ali por causa do filho. Ela renuncia a seus privilégios, a seu quarto, à sua cama, ao modo de preparar sua comida, às suas amizades. Ela quer ficar ali. Por outro lado, se o rapaz ficasse curado e tivesse alta do

hospital e alguém se dirigisse à mãe e lhe dissesse: "A senhora insistiu tanto em ficar aqui, fique mais oito dias conosco no hospital. O rapaz irá embora, mas a senhora fique conosco." Ela sorriria, como quem dissesse: "Esse homem perdeu o juízo. Aqui não fico. Vou-me embora com meu filho."

Mas esse é o ponto de comparação.

Há entre nós uma experiência de amor, amor materno, amor fraterno, amizade. É uma realidade em nossa vida. A descoberta é essa: existe o amor que explica como uma pessoa pode voluntária e espontaneamente entrar numa situação difícil. A mãe enfrenta a realidade do quarto de hospital simplesmente porque ama.

Vamos aplicar a comparação: acredito que isto nos ajude a compreender a história da salvação.

Nesse universo há homens e mulheres, nossos irmãos, em cujo coração habita o pecado. Neles há o ciúme, a inveja, desmando moral, injustiça, vontade de opressão. Há homens que não têm piedade. Não praticam a justiça. Vivem aí no meio dos outros. Estão nas escolas, estão nas ruas, estão nas filas, estão no trabalho, estão nos lugares de diversão, e eles levam no coração o pecado. Roubam, são violentos, oprimem seus irmãos. Por causa disto, a história da humanidade está marcada de maldade e pecado. O mundo fica insuportável. É um "mondo cane". Você não está defendido, você pode ser seqüestrado, pode ser roubado, pode ser maltratado, pode ser injustiçado.

Jesus Cristo

Este mundo é assim — um mundo onde há homens e mulheres que cometem a maldade — é um mundo estragado. Não é tanto o problema da fome, da miséria, do analfabetismo, mas é o problema do próprio coração humano, onde há desilusão da vida, infidelidade conjugal, inveja, ódio. Ora, acontece que dentro deste mundo entra **Jesus Cristo**. E esse é o ponto central para nossa oração. Assim como aquela mãe entrou no quarto de hospital, porque quis, e renunciou a todas as condições de vida que possuía, assim o Cristo, se encarnou e na descrição da carta aos Hebreus (Heb 2,17 e 4,15) “em tudo se assemelhou aos homens”, menos, é claro, “no pecado”.

Como aquela mãe que estava ali no quarto do hospital com o filho e sofria tudo que ele sofria, assim também, o Cristo entra neste nosso mundo. Em tudo viveu vida de gente, vida humana, exceto no pecado. É alvo da inveja, da injustiça, da calúnia e até mesmo da morte. Não desce da cruz. Fica na cruz e morre. O Cristo entra nesse hospital, nesse ambiente desagradável que é o mundo. São Paulo chama a este mundo (Rom 6,6) “o corpo do pecado”. Que quer dizer? É um lugar onde o pecado destrói a convivência humana. O Cristo entra dentro dessa realidade. Surge, então, a pergunta: “Por que esta paixão do Cristo? Por que este sofrimento?”

A resposta é simples: “Ele assume, por amor, a vida dos homens, como ela é.” A razão é o amor. A mãe ama e assume a vida daquele

filho no quarto de hospital. Assim Cristo entra na humanidade e assume por amor a vida dos homens que sofrem.

O sofrimento não é próprio de Cristo. O sofrimento dele é o sofrimento dos homens. A mãe não vai ao hospital por causa dela, mas por causa do filho; sofre porque o rapaz está sofrendo.

Assim também o Cristo. Sofreu o sofrimento dos homens, o flagelo dos romanos, a condenação injusta, a cruz dos condenados daquele tempo. Sofreu a vida e a morte dos homens.

Em outras palavras, Cristo sem pecado entrou dentro do mundo do pecado. O Justo sofre pelos injustos (1 Pdr 3,18). E fazendo isso, ele mostrou a verdade do seu Amor.

Então, o homem, vendo o amor de Cristo e sabendo pela fé que Ele é Deus, descobre que Deus o ama. (Rom 5,8). A entrada do Cristo na história da humanidade sofredora, na total igualdade de situação com os homens, revela de modo inequívoco o amor de Deus.

O cristão

Daí surge para nós, agora, a **luz**. Recordemos a palavra da Escritura: “O Cristo não considerou um privilégio a sua condição divina, mas humilhou-se e assumiu a forma de servo até a morte” (Flp 2,9). Jesus Cristo assumiu totalmente nossa condição humana. “Sendo rico, fez-se pobre por nós” (2 Cor 2,8).

O caso da mãe no hospital ilumina a encarnação do Cristo e a vida do Cristo ilumina, agora, a **nossa vida**. Como assim?

Nós que estamos no Cristo Jesus, estamos perdoados, envolvidos pelo amor de Deus. Sabemos que o pecado não vive mais em nós (Rom 8,1).

Porque Deus é misericórdia e o Cristo deu a vida por nós, embora permaneçamos neste mundo, o pecado não habita mais em nós. É verdade que podemos voltar a cair no pecado, mas uma vez perdoados por Deus estamos na sua graça. E, no entanto, estamos também aí, no mundo sofredor.

Daí a nossa pergunta: por que quem está perdoado e venceu o pecado sofre ainda o efeito do pecado, o sofrimento da vida humana? O normal qual seria? Que o homem cujo coração é para Deus estivesse já na glória. O que não conseguimos compreender nesta vida é que temos um coração em Deus e estamos num mundo que é um "corpo de pecado". Alguma coisa parece errada. Que o homem que está no pecado esteja também no sofrimento é lógico. Mas, que nós, que estamos com o coração em graça de Deus, tenhamos que sofrer como os que estão em pecado, isto parece ilógico. Aí está o drama: por que é que o homem justo e bom, aquele que está no Cristo Jesus, que resiste ao pecado com a graça de Deus, que perdoa a seu irmão, por que é que continua sofrendo neste mundo?

O justo é vítima do câncer, do acidente de automóvel, sofre a injustiça, é preso e pode ser até morto por engano. Eis uma pergunta central em nossa vida cristã. Por que o justo sofre assim? E tanto não aceitamos bem isto, que a nossa ora-

ção, muitas vezes, reflete a vontade de nos libertarmos dessa situação: "Meu Deus, que eu fique bom"; "Meu Deus, que não me aconteça nada." Quer dizer, planejamos a nossa vida como uma vida sem sofrimentos. E o que é dramático é que nosso carro bate... e o avião cai, ficamos doentes, nossos pais morrem, nossos amigos perdem o emprego, os casais de nossas famílias se separam, se desquitam... e tudo acontece apesar da nossa oração. Isso para o justo é um mistério. Como é que Deus nos ama e acontece assim? Nós rezamos e não dá certo. Por quê?

Procuremos iluminar este problema com a nossa fé, para podermos entrar em paz.

A descoberta

Por que Cristo sofreu? Ele quis ficar ao lado do homem, quis entrar no sofrimento da vida humana. Entrou dentro do drama dos homens, assumiu a vida no que ela tem de mais duro. E por que isso? Porque nos amou.

Mas, por que seu amor o levou a fazer assim? Lembremo-nos da comparação: se aquela mãe não tivesse insistido em ir para o hospital, não teria o filho percebido o amor de sua mãe. Ela, com sua presença, com seu sorriso, sua paciência, comunicou ao filho seu amor. Ele se sentiu amado. Eis o que Deus quer: que o homem se sinta amado. Por isto Cristo entrou no mundo e no sofrimento da vida dos homens.

Aqui está a **descoberta**: será que para nós não é também assim? Quer

dizer, a vontade de Deus é que no mundo permaneçam os justos, continuando a vida de Cristo, para o bem de seus irmãos que ainda estão no pecado.

O Evangelho é claro. Jesus diz: "Não vim salvar o justo, mas o pecador" (Mc 2,17). Que significa isto? Que a intenção de Deus é que o homem se converta, que ele mude o coração e não que ele seja destruído.

Deus se revela no Amor. A novidade é o perdão. Deus nos concede um "tempo de paciência" (2 Pdr 3,8) para que possa acontecer o arrependimento do homem.

Então, se Deus quer o "tempo da paciência" o que sucede? Que este mundo se torna o lugar da convivência entre o pecador e o justo. Mas o justo não pode entrar num hospital de subúrbio sem ouvir os gemidos dos doentes, sem sofrer o barulho, a poeira da rua e o calor do quarto. Não podemos viver no mundo que abriga o pecado, sem sofrermos seus efeitos. Nosso carro vai bater, nosso dente vai doer, podemos ter câncer e assim por diante. Esta é a regra do jogo. Em outras palavras, não é possível ao Cristo ser homem sem, ao mesmo tempo, experimentar a condição dos homens. Ele não teve o pecado, mas sentiu fome e sede, foi perseguido, preso, condenado e crucificado. A vontade de Deus é que o homem justo permaneça dentro do drama do mundo.

Por que?

Não por causa do justo, ele mesmo. O Antigo Testamento narra a

história de Jó. Este livro não nos esclarece muito a respeito do sofrimento. Jó que tinha tudo, perde tudo. No seu sofrimento, desprezado pela própria mulher, recebe os amigos que ficam à sua volta em silêncio, com cinzas na cabeça perguntando o que acontecera. Dizem: "Jó, você pecou." E Jó responde que não pecou. Insistem: "Se você está sofrendo é por castigo de algum pecado. Deus é justo. Deus seria injusto se o castigasse sem sua culpa. Vendo o seu sofrimento, estamos entrevendo o seu pecado. Você pecou."

E o livro termina sem solução. Deus devolve tudo a Jó, mas não há resposta para o porquê do sofrimento. E não há solução porque Jó procurou resposta apenas dentro do âmbito de sua vida pessoal.

O Novo Testamento traz a **resposta**. O Cristo oferece a vida **por nós**. Esse "por nós" é que ilumina o problema da vida humana. Uma pessoa pode aceitar livremente, por amor, sofrer uma situação que não lhe é devida. Lembremo-nos da mãe que está no hospital, não por ela, mas por amor a seu filho. E aí é que está a chave do Credo: "... propter nos homines..." "... por nós homines..." é que Cristo se encarnou. São Paulo dizia: "Tudo isso eu sofro pelos eleitos"; ou ainda: "Completo na minha carne aquilo que falta à paixão de Cristo, pelo seu Corpo que é a Igreja" (Col 1, 24). Que significa isso? Que assim como o Cristo se encarnou e assumiu a condição humana em bem dos outros, assim também, todos aqueles que estão perdoados e cujo coração está em Deus continuam

assumindo o sofrimento humano, que não lhes é mais devido. Sabem que são “amados por Deus”, mas ficam na dureza da vida, no mundo, **por causa dos irmãos.**

“Senhor estamos aí”

Isso é tão importante, que pode modificar a nossa oração. Muitas vezes a nossa oração é uma oração de lamentos ou uma oração de escape. Quer dizer, pedimos a Deus a libertação de um sofrimento, porque não estamos entendendo que esta situação vem nos oferecer a oportunidade de entrarmos em comunhão com os irmãos que sofrem. Como o Padre Damião, lá em Molucal, após perceber que estava também ele leproso, subiu ao púlpito e disse: “meus irmãos leprosos”. A lepra o fazia mais irmão dos leprosos. Se ele dissesse: “Meu Deus, estou trabalhando há tantos anos, será que não poderia ficar imunizado da lepra? Afinal eu sou um servo bom e fiel”. Tudo ao contrário. Ele se alegra ao dizer: “Meus irmãos leprosos”. É como se dissesse: “Agora sim, eu sou mesmo irmão de vocês.” É importante percebermos isto, porque se entendemos que a história dos homens é um mistério de redenção por solidariedade compreenderemos que não está errado que a mãe fique no hospital, como não está errado que Cristo passe pelos sofrimentos dos homens, como não está errado que nós, justos, sejamos curtidos pela vida. É para o bem dos que ainda estão no pecado. A lei da redenção é a da solidariedade e da fraternidade.

“Por que é que o justo sofre neste mundo?”

A resposta é: “Porque Deus ama o pecador.” É misterioso. Deus ama tanto o pecador, que é nosso irmão, que quer que o justo lhe faça bem. O justo sofre a condição de pecador, embora já esteja perdoado. Em outras palavras: O que é que estaria errado? Que Deus nos conservasse no mundo e não nos ensinasse a amar. Mas, justamente, Deus infunde no nosso coração a caridade, pelo Espírito que nos é dado, para que possamos amar os outros como Cristo os ama. Então, a lei para os que já estão remidos é: ficar aí, no mundo, na força do Espírito de Cristo, para continuar amando, fazendo o bem aos irmãos pelo testemunho da vida, pelo serviço, pela comunhão. “Senhor, estamos aí”.

Então, nossa vida fica sendo um testemunho de que Deus ama os homens e quer salvá-los, já que Ele nos coloca ao lado do pecador, nosso irmão.

Assim é a mãe ao lado do filho, age e procura fazer o bem. Daí nasce a comunhão: os dois sorriem, o filho se refaz no afeto da mãe. É o testemunho do serviço e da comunhão. A vida cristã é isso: seguir a Cristo no martírio, no “dar testemunho” pela vida, no serviço que revela um amor intenso, no anseio de comunhão, na comunicação da vida ao irmão pecador.

“O tempo da paciência”

É grande a alegria do justo que coopera assim na salvação de seu irmão. A vida é assumida na solidariedade. Dividir com os outros as mesmas situações para que não

falte ao irmão-no-pecado a presença e ação do justo.

Creio que aí é que está o **ponto-chave**.

Não podemos falar isto a uma criança... não entende. Nem o podemos falar com um pagão, também não entende. Só podemos falar isto a uma pessoa que tenha, ao mesmo tempo, fé e experiência da vida; só ela poderá captar o plano de Deus.

O texto de S. Paulo, "o Cristo que não considerou privilégio a sua condição divina, mas fez-se servo até morrer" (Flp 2,9) é fundamental. Por que? Nós também não podemos mais considerar um privilégio a nossa condição de estarmos na graça de Deus, mas temos que assumir o abatimento ("kénosis") de Cristo neste mundo em bem dos irmãos.

Deus quer de nós a palavra, a presença, o serviço para que nossos irmãos se convertam. É assim que nossas vidas se entrelaçam, que a comunhão dos santos se realiza. Então, não está errado que fiquemos sujeitos às vicissitudes da vida humana.

Deus quer o sofrimento? Não quer.

Creio que a expressão mais exata é: "Deus vence o mal." Deus vence o pecado. Deus vence o sofrimento e a morte. Mas, essa vontade atinge o homem na sua forma progressiva. "Deus está **vencendo o mal**", "Deus está **vencendo o pecado**, a morte e o sofrimento". Por que este "está vencendo"? Porque a vida do homem dura no tempo. A duração é própria do homem. A

ação de Deus é total: venceu. O homem existe no tempo. Daí as palavras de S. Pedro (2 Pdr 3,8: "Irmãos caríssimos, há uma coisa da qual não quero que vos esqueçais: mil anos na presença do Senhor são como um dia. O Senhor não está atrasando a promessa como alguns dizem, mas Ele quer que todos se arrependam" por isso concede o "tempo da paciência").

O que é o "tempo da paciência"? É o tempo em que os homens estão fazendo o bem a seus irmãos, o Evangelho está sendo pregado, a conversão está acontecendo, o amor está sendo visibilizado, o martírio, a "diaconia" e a "koinonia" estão em ação. Resultado: qual é a nossa missão? É de curtir realmente a vida — assumindo-a dia a dia, sem resmungar, numa total adequação à vontade de Deus. As coisas que podemos modificar, sejam modificadas, porque Deus está vencendo o mal; mas as coisas que não conseguimos ainda modificar, que assumamos e suportemos, pois pertencem à lógica de um mundo ainda em construção.

A conclusão é esta: aprendamos de novo a rezar e a ver o mundo à luz da fé e da solidariedade na salvação.

Muitas vezes pedimos a Deus para ser libertados do mal físico ou para ser libertados de uma situação difícil. Ninguém é feito para sofrer. Mas, é muito mais importante compreender a oração de Cristo. Qual é a oração de Cristo? "Pai, não sou deste mundo... mas ainda estou no mundo...". Alude à condição atual da vida humana, e acrescenta:

“Pai, peço que não os tire do mundo, mas os preserve do mal...” (Jo 17,14 ss).

Jesus pede ao Pai que nos livre do pecado, mas que não nos tire do mundo, que permaneçamos no mundo para fazer bem aos irmãos. “Santifica-os na verdade”, no amor, na fé, para que sejam capazes de fazer o bem. “Assim como tu me enviaste ao mundo, agora os envio para dentro deste mundo. Para que sejam um, como Tu em mim e eu neles, que sejam consumados na unidade”. Em outras palavras: que essa “Koinonia”, a comunhão, através da diaconia e do martírio se realize, cada vez mais pela ação dos justos em bem de seus irmãos no pecado. E nós “estamos aí”, vivendo o tempo da parturição disso tudo.

Portanto, o sofrimento que atinge o justo em sua vida não é castigo de seu pecado, embora possa o justo sempre se purificar mais e merecer muito diante de Deus. “Estamos aí”, para o bem dos irmãos.

A vida de Cristo continua acontecendo na vida daqueles que nele se inserem pelo Batismo e vivem de sua graça. O justo sofre porque permanece num mundo onde o sofrimento acontece e o faz para salvar os irmãos. Aprende a amar como Cristo ama. No coração do justo que vai se identificando com Cristo, cresce o amor ao irmão peccador e a aceitação de viver num “mundo-em-pecado” por solidariedade com seu irmão que ainda não possui a “vida”. É este amor que salva.

“Aceitar a vida como ela é”

Voltemos ao pequeno quarto do hospital: o sofrimento acontece para o rapaz e para a mãe. É o mesmo sofrimento. E, no entanto, um sofre porque está drogado, porque quis, porque está doente. Está aí porque tem que estar; e a mãe sofre porque quer estar aí, porque é mãe, porque ama, porque quer ajudar seu filho e viver em comunhão com ele. Eis aí a intenção de Deus: este mundo está mergulhado no pecado e o Filho de Deus entra neste mundo, fica presente ao mundo, sofrendo sem ter nenhum pecado. Com isso Ele revela o seu Amor. É a pedagogia divina de que falam os Santos Padres. É esta imensa filantropia, essa caridade de Deus, que assume a vida dos homens para que o homem entenda que é amado. Este amor é que possui o justo. O cristão recebe a força da caridade de Cristo, para continuar dentro desta vida, operando a conversão dos irmãos. É claro que é Deus quem age internamente, mas o faz através do sinal, da palavra, do gesto, do testemunho dos homens justos. Então, qual deve ser a nossa oração? A de quem “assume” a própria vida. A vida para nós é o próprio combate cotidiano da existência humana. É o drama de um mundo em parturição de redenção. Gente que nasce, gente que morre, gente que ri, gente que sofre. Todos destinados à salvação na solidariedade.

Vamos dizer de verdade a Deus: “Meu Pai, aceito a minha vida, como ela é. Não quero privilégios.”

Não é que recusemos os dons de Deus. É bom ter saúde, mas se perdemos a saúde não deixamos de ser amados de Deus. Se, ao voltarmos para casa, fura o pneu do carro, não quer isso dizer que nos faltou a providência de Deus. Há tanta gente que agradece a Deus uma viagem bem feita. E quem sofreu um acidente, não agradece?

Todo benefício vem de Deus, mas o não ter certos benefícios não significa que não somos amados por Deus. Pelo contrário, é muito maior o gesto de amor de Deus em nos fortificar para sermos capazes de enfrentar o sofrimento que intensifica mais a nossa comunhão com os outros. Lembro-me de um padre que ficou com câncer e teve que ir para o hospital. Ficava naqueles dormitórios falando a seus companheiros, doentes como ele; será que Deus não estava justamente amando aqueles a quem Ele enviou o padre canceroso? “Deus amou tanto aqueles doentes que lhes enviou seu filho padre, para lhes fazer o bem” (Jo 3,16). Ele deitado na cama e canceroso estava provando aos outros que Deus pode amar uma pessoa com câncer. A vida de Cristo provou a todos que alguém é amado por Deus e pode passar pela cruz. Depois de Cristo, também nós podemos passar pela cruz e sermos amados por Deus. Isto é libertador. Isto nos dá a paz. Você pode estar no sofrimento e estar na paz, totalmente na paz.

Lembro-me ainda de um colega meu em Roma, em 1956. Chamava-se Salvatore Fellini, magrinho, tinha uma deficiência grave, cardíaca.

Naquela época era impossível pensar em operação. Ele não conseguia estudar mais e ajudava no que podia. Estava num quarto, ao lado do meu. Cresceu entre nós uma grande amizade. Fiquei bom, ele continuou doente. Sua vida era oferecida toda para os outros. Começou a piorar e um belo dia, quando entrei no quarto dele, ele estava com oxigênio, sentado na cadeira, ofegante. Perguntei-lhe: “Salvatore, o que é que está acontecendo com você?” Sorriu e disse: “tutto bene... tutto bene”. “Você está passando mal?” “Vai tudo bem”, respondeu. Estava morrendo. Perguntei se precisava de algo. “De nada”, respondeu: “Você vai para onde?” E olhando para mim, disse: “Lá su”. “Eu vou para o céu.” E morreu ali com o maior sorriso, a maior naturalidade. Este homem tinha aos poucos alcançado a verdadeira paz apesar do sofrimento.

Creio que temos que chegar realmente a uma paz parecida com essa. Estamos convencidos ou não de que somos amados por Deus? Estamos aí nesse mundo, apesar de nossa fraqueza, para iluminar os irmãos com o testemunho da própria vida e chamá-los à fé e à felicidade.

“Primeiro os outros depois, nós”

Creio que agora podemos assumir melhor a curtição da vida. Impossível trabalhar e não se cansar. Vai haver desgaste físico, decepções, frustrações, tristezas, que importa?

O que temos que fazer é assumir tudo na paz. Dizer: “Senhor, en-

quanto for vontade vossa, eu fico nesta vida.” Lembremo-nos da reflexão de São Paulo (Flp 1,24) que muito nos esclarece. Dividido entre dois amores, a vontade de estar com o Cristo e a de ficar nesta vida, Paulo prefere ficar, porque é melhor para os irmãos. Também nós estamos convencidos de que o paraíso é melhor, mas não é a nossa hora. Não vamos ainda para o céu. Há muito que fazer. “O que é que vocês fazem aí, olhando para o céu?” diziam os anjos aos Apóstolos. É preciso voltar a Jerusalém para dar testemunho aos homens do amor do Pai, para que se convertam e cheguem à vida (Atos 1,11).

Queria terminar com uma pequena história, que para mim tem valor de parábola. Em 1959, fui mandado a uma aldeia da Alemanha substituir um padre, devido à desistência de um colega na última hora. Era quase na fronteira com a Bélgica. E lá fui eu, ainda me lembro, levando um embrulhinho com uma pêra e dois pãezinhos. Arranjei um paletó emprestado de um amigo. Era a primeira vez que usava **clergyman**. O trabalho era intenso e cansativo. Um dia o pároco vizinho convidou-me para um passeio com as pessoas mais idosas do Apostolado da Oração. Eram mesmo muito idosas. Após um primeiro trecho, previa-se uma parada no caminho para a merenda. O que não estava previsto era que o pequeno restaurante da estrada estivesse totalmente ocupado por outros turistas. Assim, as pobres velhinhas desceram do ônibus e ali ficaram de pé, impacientes, aguardando sua vez de se sentarem à mesa.

Qual não foi o meu espanto, ao ver já acomodado lá no fundo da sala o bom do pároco com um imenso copo de cerveja na mão. Pensei com meus botões: “Toma sua cerveja, meu padre, mas espera um pouco, deixa que as velhinhas se sentem primeiro...”

A história é lição para nós: também nós vamos nos sentar no banquete que o Pai nos prepara. Mas, por enquanto, não apressemos a “hora do Pai”. Deixemos as velhinhas se sentarem primeiro... Procuremos antes que **os outros** entrem no Reino de Deus. O importante é que os outros cheguem à salvação. Só depois é que chegará a nossa vez. Por enquanto, é o “tempo da paciência” da fraternidade e... da vida curtida sem privilégios. “Estamos aí, Senhor”. Bastam-nos a tua graça e o teu amor.

Lembro-me neste momento da oração de Pedro Lyonnet, ao comentar o trecho de Jo 15,18-22 (**Escritos Espirituais**, 1951). Quem sabe ela poderia nos ajudar a rezar neste momento: “Senhor, meu Deus, aqui está minha vida para que dela façais o que for melhor, para que a transformeis na vida de Jesus Cristo. Aonde quer que me envieis, alegre ou desolado, doente ou com saúde, agraciado ou humilhado, que vosso Espírito possa sempre clamar em mim com veemência, impelindo-me a amar cada vez mais meus irmãos, os homens, que ainda não sabem que sois Pai. Pai, aqui está minha vida. Dai-me, em troca, poder trabalhar por meus irmãos, para que eles Vos conheçam, Vos amem e tenham mais a Vida”.

O DESAFIO DA ORAÇÃO

Frei Raimundo Cintra, OP

A oração, em todos os tempos e em todos os povos, tem sido, incontestavelmente, uma das expressões mais importantes do relacionamento do homem com Deus. Os etnólogos e os historiadores das religiões aí estão para confirmá-lo. F. Heiler, em sua famosa monografia sobre a Oração, afirma: "A oração é o fenômeno central de toda a religião, a característica primordial de toda expressão pessoal da comunicação do homem com Deus. (*Das Gebet*, Leipzig, 1923). Anterior ao sacrifício, ela é a única manifestação religiosa dos povos mais primitivos.

No passado, para o primitivo, nas civilizações sacrais da antiguidade e até o limiar da era moderna, a oração não apresentava nenhum problema, nenhuma dificuldade. O homem do passado não sentia nenhum constrangimento em prostrar-se diante de Deus e em exprimir-lhe seus sentimentos de adoração e de temor, em recorrer a ele pelo pedido e pela súplica. Sua prece, em fór-

mulas espontâneas ou mais estudadas, acentuava, de um lado, a onipotência e a transcendência de Deus e, de outro lado, destacava a fraqueza e a fragilidade do ser humano.

Para o homem moderno, o panorama modificou-se completamente, as coisas se apresentam de maneira muito diferente. As revoluções industriais, o progresso das ciências e das artes, as conquistas tecnológicas deram ao homem uma consciência maior de sua capacidade, de seu poder para dominar as forças do universo e para construir a cidade terrestre. O homem prometeano dispensa a intervenção divina e quer ser dono de seu próprio projeto. No mundo secularizado de hoje, a oração torna-se problema. Ela é posta em dúvida, contestada, criticada. Chega-se a negar a sua eficácia e até mesmo a sua necessidade.

Tendo organizado quatro coletâneas de orações e tendo uma quinta no prelo (1), gostaria de apresentar

algumas reflexões à margem desses repertórios, que são o resultado de pesquisas prolongadas. É o esboço de um balanço histórico.

A oração de ontem

A oração dos povos sem escrita (chamados primitivos) é uma oração direta, simples e espontânea. A religião impregna toda a vida e o comportamento desses povos. A caça, a pesca, os afazeres de cada dia são precedidos de orações ou transcorrem num clima de oração. A existência do primitivo se desenrola numa atmosfera sacral, em que, por vezes, se confundem as esferas do sagrado e do profano. Nos mais primitivos, as grandes manifestações de culto externo são inexistentes. Mas alguns observadores puderam constatar, em alguns casos, orações individuais curtas e rápidas, como as que foram denominadas mais tarde: "jaculatórias".

Acusa-se esta oração de ser interesseira e utilitária. Embora ela seja, com maior frequência, uma oração de pedido, a oração de quem recorre a um poder superior para obter as coisas mais indispensáveis e mais urgentes para a própria subsistência, ela reveste, entretanto, outras vezes, formas diferentes: como a adoração, a ação de graças, a súplica do perdão. Ela pode, em alguns casos, exprimir sentimentos e angústias existenciais. "Ó Pai, que habitas o céu luminoso, não deixes meu coração ficar triste. Olha para mim!", (Índios Aida da Patagônia). "Estamos sentados na terra, temos o coração pequeno. Invocamos Aquele que tem compaixão de nós",

(Arafe, tribo africana). "Ó Pai, nós te agradecemos, por nos permitirdes viver nesta terra, nós te agradecemos porque somos numerosos e podemos nos reunir para te invocar", (Algonquinos). O tema mais frequente, porém, é a alimentação de cada dia, a defesa contra as intempéries e os ataques dos inimigos. "Ó Senhor, que reinas acima das montanhas, das árvores e da água, nós te agradecemos os frutos, a caça, o peixe, a gordura do urso", (Índios da Califórnia). "Pai, sois bom para nós. Que alegria! Voltaram as flores. Foi-se embora o frio!" (Patagões). "Estou contente com Kivum (Deus), ele foi bom para mim. Livrou-me do perigo, salvou-me da morte", (Pigmeus da África).

Esta tribo africana, considerada uma das mais primitivas do globo, semelhante aos clãs da pré-história, sabe exprimir, de maneira admirável, em presença da morte, sua confiança em Deus e sua esperança:

"O homem nasce, come, dorme.
[E passa.
É o grande frio, o grande frio da
[noite.
Mas o céu se abre, brilha a
[estrela.
Embaixo o frio. No alto a luz.
O homem passou (morreu).
O prisioneiro está livre.
O homem desapareceu.
A sombra sumiu.
Embaixo o frio.
No alto, a luz.
Kivum, Kivum, a ti a nossa
[prece!"

Os Índios Lenape (América do Norte) assim definem Deus: "Deus é aquele que sentimos em nós quan-

do praticamos uma boa ação". E os Esquimós, numa reportagem do etnólogo Rasmussen, d e c l a r a m: "Deus se revela nas tempestades, nas nevascas, nos furacões dos mares, mas também no tempo ensolarado, na calma do mar e na voz das crianças. Ele está, ao mesmo tempo, longe e perto de nós" (2).

Nas religiões sapienciais (Índia, Tibete, China, Japão), a oração se apresenta em formas mais estudadas e são reflexos das profundas meditações dos monges, sacerdotes, mestres ou gurus desses povos. Ao mesmo tempo que se dirige a Deus, ela transmite um ensinamento aos discípulos ou aos devotos:

"Morai e vivei no Absoluto. Confiai nele.

Ó imortalidade sublime, em ti sempre vivo! (Poema budista)

Possa a tua alma brilhar com a sua luz infinita, irradiando a suprema Paz.

"Aquele que quiser ouvir a voz do silêncio, terá de aprender a concentração perfeita.

Quando deixar de ouvir os seres múltiplos, então poderá divisar o Uno,

o som interior que mata o exterior.

A não ser que ouças não poderás ver,

a não ser que vejas, não poderás ouvir.

No silêncio ouvirás a voz do teu Deus interior". (Meditação tibetana)

Quanto à utilização destes textos não cristãos na oração ou meditação feita por cristãos, é bom recordar os ensinamentos de dois importantes documentos de Vaticano II, a Declaração **Nostra Aetate** e o Decreto: **Ad Gentes**. Neles encontramos, entre outras coisas, estas afirmações: "A Igreja católica nada rejeita do que há de verdadeiro e santo nestas religiões. Considera com sincera atenção os modos de agir e viver, os preceitos e doutrinas desses povos... que refletem, não raro, lampejos daquela Verdade que ilumina a todos os homens" (Nostra Aetate, nº 1582).

Deus fala de maneira misteriosa a todos os povos da humanidade.

No patrimônio espiritual desses povos, através das diversas épocas da história e na atualidade existem "sementes" do Logos e "centelhas" do Espírito, espalhadas pelo universo inteiro. Esta doutrina, já professada, na antiguidade, por vários Padres da Igreja, é agora plenamente assumida pelo Sínodo dos Bispos, pelo Secretariado para os não-cristãos e pela **Evangelii nuntiandi** de Paulo VI. Nela firmados poderemos investigar os valores e riquezas das religiões não-cristãs, que o Concílio Vaticano II nos exorta a "reconhecer, manter e desenvolver", (Nostra Aetate, nº 1583). Foi por isso que inserimos em nossas antologias, o que julgamos dever ser as

melhores orações das religiões do Egito, da Babilônia, da Pérsia, do Islã e do Judaísmo.

Para nós, tem particular importância, as orações de Israel, que se acham no Antigo Testamento. Os Salmos e muitos outros cânticos fazem parte até hoje da Liturgia cristã (das diversas Igrejas). Em sua maioria (exceto os que refletem uma etapa ultrapassada da revelação), eles conservam ainda um alto significado e são expressões sempre válidas das vicissitudes e alternativas religiosas da humanidade.

Não nos estenderemos sobre as orações propriamente cristãs. Poderíamos discorrer sobre as diversas formas que ela assumiu através da história. Apesar de ser um tema familiar aos leitores desta Revista, isto exigiria uma longa explanação para ser convenientemente tratado. Muito se poderia dizer sobre as orações da Igreja primitiva (a Didaqué e as Anáforas), as meditações dos Padres da Igreja, as elevações dos místicos da Idade Média e da Renascença, as orações dos séculos mais recentes. Elas apresentam uma imensa variedade. Conservam muitas vezes a autenticidade do Evangelho e dos escritos apostólicos, manifestam, outras vezes, sensíveis desvios ou deformações lamentáveis.

Um estudo sociológico das religiões revelaria que todas elas, desde as civilizações sacrais da antiguidade até as grandes religiões de hoje são realidades complexas, que comportam divisões e separações dentro delas mesmas. Revelaria sobretudo que há uma diferença muito nítida no comportamento religio-

so oficial, clerical, de que os sacerdotes são os legisladores e os guardiães e diversas formas populares de viver essas mesmas religiões. Deixando de lado as religiões não cristãs, poderíamos dizer que, sobretudo depois do Concílio de Trento, a Igreja Católica, em toda parte, mas mais particularmente nos países do Terceiro Mundo, apresenta claramente esta divisão. Ao lado da religião oficial (orações e ritos) que se torna cada vez mais formal e ritualista, acessível somente aos clérigos ou às elites, desenvolve-se uma religião mais espontânea e mais folclórica, de que participa o povo em suas diversas camadas. Ao passo que o culto ou a oração oficiais se esclerosam (pelo menos até Vaticano II), a religião popular explode nas mais variadas manifestações. A história revelaria que o catolicismo, considerado globalmente possui ao lado de formas religiosas autênticas e válidas, formas espúrias e deterioradas, eivadas de sentimentalismo, pietismo, maniqueísmo, jansenismo, espírito reflexo, devocionismo e até de práticas supersticiosas.

Examinando a oração do passado no seu conjunto, poder-se-ia, apontar ao lado dos valores já assinalados, as seguintes falhas, que atingem não raro real gravidade: a crença na eficácia mágica da oração, a predominância da oração de pedido, insistindo sobretudo em favores materiais ou de ordem temporal (riqueza, saúde, bem-estar), a exaltação da majestade ou da onipotência divinas, anulando o ser humano e suas potencialidades, a concepção jurídicista de um Deus legislador e agente policial, a fé em um Deus

mecânico, que intervém no mundo para modificar as leis da natureza e o curso dos acontecimentos. Em resumo uma religião exterior, inspirada no temor e não uma religião interior, animada pelo amor.

Uma oração para o nosso mundo secularizado.

Os progressos da ciência e a rápida escalada tecnológica do mundo moderno veio libertar o homem de hoje dessas peias do passado. Ele deixa de ser **objeto** para tornar-se **sujeito** da história. Ao invés de ser conduzido por forças cegas da natureza ou por forças divinas mal definidas, ele participa do poder criador e se lança na realização livre e consciente de seu projeto. Ele sabe que Deus lhe outorgou poderes para a transformação da natureza e para a construção da cidade terrestre e de um mundo novo.

Jesus Cristo, na sua mensagem evangélica, foi o primeiro a libertar a oração humana dos pesos e limitações do mundo antigo. Libertou-a da magia e do verbalismo dos povos chamados pagãos bem como do legalismo e do formalismo da oração rabínica. Libertou-a do lugar e do tempo sagrado, bem como de fórmulas e regras determinadas. Foi ele que disse à Samaritana: "Mulher, vem a hora em que nem nesta montanha nem em Jerusalém adorareis o Pai... os verdadeiros adoradores adorarão o Pai em espírito e em verdade" (Jo 4,21-23). Já não existem mais lugares s a g r a d o s. Quanto ao tempo: "É preciso orar sempre e jamais deixar de fazê-lo"

(Lc 18,1). A oração deve impregnar toda a vida.

Os melhores autores espirituais ou místicos do Cristianismo (Orígenes, S. João Clímaco, S. Bernardo, S. João da Cruz) já haviam definido a oração como "a elevação do espírito para Deus", "o encontro com Deus", "o diálogo com Deus". O homem moderno percebe que não pode haver dicotomia entre a vida material e a vida espiritual. "A oração é, ao mesmo tempo, a expressão e a pedagogia da vida. Ela deve ser seu sinal eficaz... Deve-se renunciar a toda oposição artificial entre a vida e a oração. Se a oração aparece como algo de estranho à nossa vida, como uma excrescência incômoda, é por que não se está no caminho certo" (B. Berset) (4).

Comunicação com Deus, diálogo íntimo e vital com Deus e na sua expressão suprema, comunhão com Deus, a oração dispensa fórmulas e moldes predeterminados. Num filme recente: **Alegria de viver**, encontra-se bem expressa esta realidade. Maud, a velha senhora, que irradia espontaneidade, diz ao jovem, que a interroga: "Eu não rezo, pronunciando palavras; eu me comunico com Deus."

"Para que permaneça verdadeira, a oração deve ser simples. Deve limitar-se ao essencial: atos simples de fé, de confiança, de abandono, de disponibilidade. São as palavras que convém, nada pode substituí-las"; (Romano Guardini).

A oração nasce de duas fontes: da faculdade de **maravilhar-se** com as maravilhas de Deus em si e no

mundo, apesar de suas sombras; e **do sentido trágico da existência**, a nossa e a dos outros." Assim definiu, com grande exatidão, a dupla função da oração, o Patriarca Antôn de Moscou (5). A verdadeira oração nos dá o sentido das coisas divinas: as maravilhas da criação, os desígnios de Deus no seu plano de salvação, o sentido da alegria e da gratidão. Ela se traduzirá então em adoração, louvor, ação de graças. Por outro lado, dando-nos o sentido dos outros, ela nos faz ver o sofri-

mento, a miséria, o mal, a injustiça e se traduzirá em pedido, súplica e apelo ao perdão. A comunhão com Deus nos leva à comunhão com o próximo (6). Envolvendo e traduzindo toda a nossa vida, a oração será um instrumento de integração, que dará a nossa existência seu verdadeiro sentido. Ela tornará o cristão mais consciente de sua participação no poder criador para a transformação do mundo e mais generoso na dedicação à construção do Reino pelo serviço ao próximo.

NOTAS

1. R. Cintra e R. Muraro, **As mais belas orações de todos os tempos**, José Olímpio Editora, 4ª Ed.: 1976. **As mais belas orações de nosso tempo**, Ibidem, 3ª Ed., 1976. R. Cintra, **Tempo de orar**, Ed. Vozes, Petrópolis, 1976. Idem, **Oração do dia e da noite**, Ibidem, 1976. 2. **As mais belas orações de todos os tempos**, págs. 4-8. Ver também, J. Goetz, **Les Religions des Pri-**

mités, A. Fayard, 1958 e Honr, *Vie Spirituelle*, abril 1931. 3. **As mais belas orações de nosso tempo**, p. 44-45. 4. B. Besret, R. Garaudy e outros, **Un risque appelé prière**, Desclée de Brouwer, 1972. 5. *Convergência*, **Senhor, ensina-nos a orar**. Nov.-Dez. 1968, p. 11. 6. *Ut supra*, *ibidem*, p. 11. Acrescente-se a esta bibliografia o excelente livro de L. Boff e Outros, **A Oração no mundo secular**, Ed. Vozes, Petrópolis, 1971.

A VINDA DOS REDENTORISTAS PARA O BRASIL NA ÚLTIMA DÉCADA DO SÉCULO PASSADO

Riolando Azzi

Introdução

Entre os importantes institutos religiosos que vieram ao Brasil durante o século passado enumera-se a Congregação do Santíssimo Redentor, fundada na Itália em fins do século XVIII por Santo Afonso Maria de Liguori.

A vinda dos redentoristas serviu para consolidar a implantação da reforma católica, iniciada durante o período imperial pelo movimento dos bispos reformadores, e que contou com a participação de diversas ordens e congregações religiosas, entre as quais merecem destaque os Padres da Missão (1), as Filhas da Caridade (2), os Padres Capuchinhos (3) e os Padres da Companhia de Jesus (4).

Os Padres Redentoristas vieram ao Brasil por expresso e insistente desejo do episcopado brasileiro. Duas eram as finalidades precípua que os bispos almejavam com a vinda dos novos religiosos: sagradas missões e cuidado dos santuários populares.

Em primeiro lugar, intensificar o trabalho de catequese popular através da pregação das sagradas missões. Esse tipo de apostolado já fora desenvolvido com êxito durante o período imperial principalmente pelos Lazaristas e Capuchinhos. Os Redentoristas, especializados nesse tipo de apostolado, deveriam dar maior incremento ainda a essa forma de implantação do espírito tridentino entre o povo.

Em segundo lugar, os Redentoristas deveriam ser os primeiros re-

ligiosos a assumir a direção dos santuários de devoção popular, uma iniciativa muito cara ao episcopado brasileiro, desde que o governo brasileiro decretara em janeiro de 1890 a separação entre Igreja e Estado.

Por essa razão, nas três dioceses a que foram chamados (5) em fins do século XIX, o convite expresso foi para a administração de centros de devoção popular. O bispo de Mariana convidou os Redentoristas para assumir a direção do santuário de Bom Jesus de Matozinhos, em Congonhas do Campo; o bispo de Goiás os convidou para a direção do santuário do Padre Eterno de Barro Preto, em Campinas, e o

bispo de São Paulo para o santuário de Nossa Senhora Aparecida. No primeiro caso porém, os Redentoristas preferiram ficar com a igreja de N. S. da Glória, em Juiz de Fora. Será somente nas primeiras décadas do século XX que os Redentoristas, já instalados no Brasil, assumirão a direção do santuário de Congonhas do Campo.

Confiando a uma comunidade religiosa a direção dos santuários, os bispos do Brasil esperavam por essa forma consolidar a reforma católica, ministrando ao povo melhor instrução catequética, e levando-o a uma prática mais assídua da vida sacramental.

I — OS REDENTORISTAS NA DIOCESE DE MARIANA

Mariana foi uma das primeiras dioceses do Brasil a se inserir no movimento de reforma católica, graças à ação incansável do bispo D. Viçoso. Este bispo, pertencente à Congregação da Missão, fez questão absoluta de contar com a colaboração de religiosos em sua diocese. Na realidade, desde o início ele pensou em trazer para a diocese os Padres Redentoristas, mas por duas vezes seus planos não tiveram êxito.

Graças à atuação de D. Viçoso, consolidou-se na diocese o trabalho dos Lazaristas, que assumiram a direção do seminário, conseguindo também o bispo a vinda das Filhas da Caridade para o Brasil.

Deste modo, na época da proclamação da República em 1889 a diocese já contava com o trabalho ati-

vo de dois importantes institutos religiosos: os Padres da Missão e as Filhas da Caridade, além do antigo recolhimento de Macaúbas, reformado na época de D. Viçoso.

Coube a um seu discípulo, o bispo auxiliar D. Silvério Gomes Pimenta o mérito de trazer para a diocese os Padres Redentoristas.

As tratativas iniciais

Com apoio do sucessor de D. Viçoso, o bispo D. Antônio Benevides, escreveu D. Silvério ao Superior Geral dos Padres Redentoristas pedindo-lhe enviasse alguns de seus religiosos para colaborar no trabalho pastoral. A idéia foi aprovada e apoiada por Mons. Francisco Spolverini, que anteriormente exercera

a função de Internúncio Apostólico na Holanda e em seguida Internúncio Apostólico no Brasil de novembro de 1887 a novembro de 1890.

Em 1890 Mons. Spolverini sugeria a D. Silvério que, em vista das necessidades da diocese, solicitasse religiosos redentoristas da Província Holandesa (6). No mês de outubro de 1892 o Pe. Tiago Meeuwissen, provincial da Holanda esteve em Roma e estudou com o Superior Geral as possibilidades de uma missão no Brasil.

O Superior Geral escreveu a D. Silvério dando-lhe alguma esperança de atender a seu pedido. O bispo pensou logo em oferecer aos Redentoristas a administração do santuário do Bom Jesus de Matozinhos, em Congonhas do Campo. No dia 7 de fevereiro de 1893 D. Silvério escrevia a seguinte carta ao Superior Geral:

“Através do ilustre Sr. Francisco Spolverim, que aqui exerceu o múnus de Internúncio Apostólico, solicitei a V. Paternidade para que enviasse à nossa diocese membros da vossa Congregação. Embora tendo-nos dado a esperança de tanto bem, e tão ardentemente desejado por nós, todavia estamos incertos. Portanto de novo rogo pelas entranhas de Vossa Misericórdia e peço-vos o mais insistentemente possível que não tardeis vir e auxílio de nossa gente. Aqui a seara é copiosíssima, mas poucos, pouquíssimos até os operários. Podereis aqui fundar grandes colégios para a educação da juventude, ou seminários menores para a formação do clero, ou dedicar-vos às sagradas missões nas

idades e vilas, ou dedicar-vos a quaisquer outras tarefas que mais vos agradem. Não vos preocupeis com a alimentação. Deus ajudará e nada faltará. Basta que vos digneis indicar-me o que desejais e imediatamente providenciarei. Rogo-vos repetidamente, Revdo Padre, que não recuseis o auxílio que necessitamos para salvar as almas, e que envieis uma resposta consoladora para mim, que sempre estarei à disposição para o que for indicado por vós” (7).

Como se vê, o que principalmente interessava a D. Silvério era ter na diocese mais uma Congregação religiosa atuando no movimento reformador, independente da atividade específica a que se dedicassem.

A 21 de abril de 1893, o Superior Geral escrevia ao Pe. Matias Fulkens que fosse à diocese de Mariana estudar a possibilidade da fundação de uma obra religiosa. Por solicitação do Pe. Matias, o Provincial concedeu-lhe o Pe. Francisco Lohmeyer como companheiro nessa missão. A 12 de maio de 1893 o Pe. Meeuwissen comunicava oficialmente a D. Silvério o início da missão, em carta escrita de Amsterdam:

“Ilmo. e Revmo. Sr.

“Eu, abaixo assinado, Superior da Província Holandesa de Congregação do SS. Redentor, desejo comunicar algo sobre a futura entrada da nossa Congregação na diocese de Mariana. Como ficou claro das cartas ao Ilmo. Núncio Spolverini, V. Excia. rogou instantemente para que se enviassem os filhos de S. Afonso para salvar as almas.

“Nosso Superior Geral se dirigiu a mim para que assumisse essa missão. Tendo implorado as luzes divinas, e ouvido o parecer de meus conselheiros, persuadi-me que a Divina Providência nos chama para cultivar essa longínqua vinha do Senhor. Já foram designados para partir dois padres, R. P. Matias Fulkens e R. P. Francisco Lohmeyer.

“Ao aceitar a missão não tenho nem eu nem os meus súditos outra intenção senão que o nosso instituto se estabeleça aí de acordo com as orientações da mente e do espírito de Santo Afonso, isto é, que os padres possam, sem escolas, sem seminários, sem cuidados paroquiais, ministrar ao povo as sagradas missões e exercer o sagrado ministério numa igreja própria”.

Chegada dos primeiros religiosos

Os dois Redentoristas holandeses Fulkens e Lohmeyer chegaram a Mariana a 6 de julho de 1893, ficando algum tempo no Seminário, onde em companhia dos Padres Lazaristas iam aprendendo a língua e estudando o melhor modo de atuar no país. A 22 de julho, a pedido de D. Silvério, partiu o Pe. Fulkens de Mariana para pessoalmente ir ver dois lugares: Congonhas do Campo e Juiz de Fora. De volta da viagem enviou o resultado das pesquisas ao Revmo. Pe. Provincial e também ao Revmo. Pe. Oomen, conselheiro geral em Roma.

“A resposta foi que tanto Amsterdam como Roma davam preferência a Juiz de Fora. Primeiro porque Congonhas ficava à distância de

mais ou menos duas horas e meia de estrada de ferro em caminhos péssimos, ao passo que havia em Juiz de Fora duas estações. Segundo porque em Congonhas, fora do tempo das romarias em setembro, não haveria bastante serviço, o que haveria de sobra em Juiz de Fora durante o ano todo. Finalmente porque era impossível chegar a um entendimento com a irmandade que em Congonhas administrava os rendimentos do santuário” (8).

A igreja de N. S. da Glória em Juiz de Fora era designada pelo povo igreja dos alemães, e estava sem capelão pelo falecimento do Pe. Adolfo Januzka em fevereiro de 1893. Os Redentoristas propuseram ao bispo as seguintes condições:

“1º) A igreja dos alemães em Juiz de Fora fica entregue aos Redentoristas de modo que poderão regular os exercícios na igreja sem nenhuma dependência do vigário da paróquia.

“2º) Não são obrigados a prestar contas dos rendimentos da igreja a alguma fábrica ou irmandade.

“3º) Poderão aumentar a igreja, se assim o julgarem necessário, e não se lhes poderá ser tirada a igreja a não ser que eles mesmos por livre e espontânea vontade quisessem abandoná-la.

“4º) Doação do terreno da igreja e em redor da mesma para construir um convento e para fazerem um jardim” (9).

Em carta ao Superior Geral, datada de 12 de novembro de 1893,

D. Silvério declarava aceitar as condições dos redentoristas e acrescentava:

“Em breve serão cumpridos meus ardentes votos, e a diocese de Mariana possuirá esses homens apostólicos, filhos de Santo Afonso, de que tanto tinha necessidade. E na verdade, estimado padre, na visita que agora realizo na parte oriental da diocese, cada vez mais me persuado que essa gente se perderá sem homens apostólicos. Meu Deus, quanta falta de clero! Uma região cujo âmbito excede quatrocentas léguas possui apenas 8 sacerdotes. Destes alguns estão inábeis pela idade e pela doença, de tal modo que os fiéis sejam privados na vida e na morte dos sacramentos, sejam privados de instrução religiosa e de todo auxílio na vida espiritual. Choro contemplando esta misérrima situação das coisas, ao mesmo tempo que me sinto impotente e sem forças para ajudar a esses que estão em necessidade espiritual. Venham pois os padres redentoristas para evangelizar gente tão infeliz, para arrancar as almas das fauces de satanás e restituí-las a Deus e ao céu! Venham o mais depressa possível, venham!” (10).

A 26 de abril de 1894 chegavam a Juiz de Fora mais três padres e três religiosos leigos, ficando oficialmente fundada no Brasil a primeira casa dos Padres Redentoristas da Província Holandesa. O cronista Pe. Afonso Mathysen traça o seguinte quadro da vida religiosa em Juiz de Fora:

“Em geral é o povo bom e pacífico; mas o indiferentismo religioso é

grande. Antes da nossa chegada 80% não iam à missa aos domingos e festas de guarda e pior ainda era o número dos que faziam a páscoa. Muitíssimos viviam e vivem ainda em uniões ilícitas e a maior parte morria sem sacramentos.

“Esta situação triste explica-se de algum modo pelo fato de que o antecessor do vigário Café aqui tinha tomado conta por 30 anos; mas não pregava, levava pessoalmente uma vida desregrada e não se incomodava com a salvação das almas.

“De passagem queremos anotar que a situação de quase todas as paróquias desta diocese era igual senão pior e que a diocese de Mariana no entanto gozava do privilégio de ter sido governada (de 1844 a 1875) pelo santo bispo Dom Viçoso, e é considerada como a mais bem organizada do Brasil. Por aí pode formar-se alguma idéia do nível religioso e moral desta pobre terra” (11).

O cronista coloca em evidência o esforço que fazem os novos religiosos vindos da Holanda para progressivamente trazer as crianças ao catecismo e à primeira comunhão, e os adultos à freqüência da vida sacramental (12). A 25 de janeiro de 1895 D. Silvério publicava uma carta pastoral em que enaltecia a vinda dos Padres Redentoristas.

“Há mais de um ano pudemos obter para esta diocese os primeiro filhos de Santo Afonso de Ligório, e foi a opulenta cidade de Juiz de Fora o primeiro teatro escolhido pela misericordiosa Providência para o centro das operações de tão in-

signes campeões da religião de Nosso Senhor Jesus Cristo.

“Desde o princípio do seu episcopado desejou o Sr. D. Antônio Ferreira Viçoso, de saudosíssima memória, introduzir entre nós os Congregados Redentoristas ou de Santo Afonso de Ligório; e para isso deu passos tão acertados, que já estava quase resolvida a vinda deles, quando uma dificuldade posta pelo governo de então na Itália foi causa que tudo se suspendesse. Não era chegada a hora determinada nos conselhos de Deus. Quase cinqüenta anos depois governando a diocese o ilustre sucessor de D. Viçoso o Exmo. Sr. D. Antônio Maria Correia de Sá e Benevides, em cujo nome e por cuja autoridade vos fallo, pudemos alcançar o por que suspirava D. Viçoso; e aí temos já a primeira colônia destes obreiros da vinha santa”.

Em seguida D. Silvério indica qual é a causa principal da vinda dos redentoristas: a enorme escassez do clero nacional, insuficiente para suprir as necessidades pastorais da diocese.

“A míngua sempre crescente — acrescenta ele — e cada vez mais aterradora do clero nacional, deixando o nosso povo sem doutrina e sem sacramentos, e trazendo a perda de inúmeras almas, obrigou-me a empregar todos os esforços ao meu alcance para obter ordens religiosas e congregações que viessem animar e auxiliar o clero diocesano em suas insanas, ainda que gloriosíssimas fadigas, nas quais consomem a saúde e a vida; viesse doutrinar nosso povo, evangelizar nossos pobres

e contrabalançar tantos esforços que faz o espírito das trevas para levar-nos à perdição eterna”.

Os Lazaristas franceses tinham precedido os Redentoristas na época imperial. Agora os Redentoristas vinham consolidar o trabalho iniciado.

“Das várias congregações e ordens que convidamos, prossegue o bispo, foram os primeiros que acudiram a nossas vozes e rogos, e foram os primeiros depois dos nossos pais e mestres os Lazaristas que de assento se resolveram a fixar suas tendas nos campos de Minas. Mil louvores a N. S. Jesus Cristo, nosso Deus, por tão insigne benefício!

“Se D. Viçoso recebeu com lágrimas de agradecimento os primeiros filhos de São Vicente de Paulo que vinham reformar nossos seminários, com iguais lágrimas de contentamento e alegria devíamos nós amparar os filhos de Santo Afonso que, em quadra tão temerosa, como a em que nos achamos, nos vêm dar a mão, e ajudar para que não sosobremos. Não nos custou pouco a introdução dos cinco sacerdotes e três irmãos, que formaram esta primeira expedição.

“Já os temos; todos os sacrificios foram bem empregados; e os bens que estes missionários do Evangelho já têm feito e estão fazendo, nos dão por sobejamente compensados de todos os cuidados, trabalhos, despesas, ainda que tivessem sido cem vezes maiores”.

E conclui confiantemente:

“E quanto bem hão de fazer eles! Nas missões e em casa, quantas al-

mas arrancam eles das mãos do demônio e as lançam nos braços de N. S. Jesus Cristo! Quantas ovelhas, a dezenas de anos tresmalhadas, entram no aprisco divino! Quantos casamentos se fazem, quantas donzelas se preservam da prostituição, quantos crimes se atalham!” (13).

Dois anos depois, em 1897, ao assumir oficialmente a direção da diocese, em sua primeira pastoral de 6 de junho de 1897, D. Silvério ressalta mais uma vez a importância da presença dos redentoristas na diocese.

“Eu saúdo a segunda corporação religiosa que veio com o suor de não interrompido trabalho e de um zelo nunca superado, fecundar nossa dio-

cese, os ilustres filhos de Santo Afonso de Ligório. Nos quatro anos desde que apareceste em Minas, haveis conquistado milhares de almas para Deus, fazendo ao pecado e ao inferno implacável guerra. Vossa vida edificante é uma pregação eficaz e digno modelo para ser imitado por todos os sacerdotes. Meu insigne predecessor e pai, D. Antônio Ferreira Viçoso, suspirou por vós, mas Deus reservou para seu virtuoso sucessor e para mim ver em vós renovadas as maravilhas que assinalaram outras idades. Sede bem-vindos, fiéis cooperadores de Jesus Cristo, cresci e multiplicai-vos no seio deste povo, que vos ama como a pais, e admira como servos verdadeiros do Rei dos céus” (14).

II — OS REDENTORISTAS NA DIOCESE DE SÃO PAULO

O bispo de São Paulo D. Lino Deodato nascera no Ceará em 1823. Durante cinco anos fora secretário do primeiro bispo de Fortaleza, D. Luís Antônio dos Santos, discípulo e colaborador pessoal de D. Viçoso. Na companhia do bispo do Ceará o padre Deodato assimilou a nova mentalidade dos bispos reformadores.

Em 1873 foi sagrado bispo de São Paulo. Na diocese, D. Lino encontrava já dois centros propulsores da reforma católica: em São Paulo, o seminário diocesano, sob a direção dos capuchinhos franceses (15), e em Itu, além das Irmãs de São José de Chambéry, trazidas à diocese por D. Antônio Joaquim de Melo, também os jesuítas que lá se haviam

estabelecido desde 1865 fundando o Colégio São Luís (16).

Em 1865 vieram também para São Paulo os Padres Salesianos. Deste modo, na época da proclamação da República em 1889 já contava a diocese de São Paulo com a colaboração de diversos institutos religiosos.

A procura de religiosos para o santuário de Aparecida

Em 1888 D. Lino tinha benzido solenemente a igreja de N. S. Aparecida, e em 1893 havia erigido o curato de Aparecida, desmembrando-o da paróquia de Guaratinguetá.

“Vendo que com a afluência sempre crescente de romeiros não era

possível a um só capelão-cura, ainda mesmo auxiliado por mais um ou outro sacerdote, dar conta dos múltiplos e pesados trabalhos da administração espiritual do santuário, Dom Lino teve a idéia de chamar para esse fim a Aparecida uma Congregação religiosa. Quando em 1894, por vontade e comissão sua o então bispo coadjutor Dom Joaquim Arcoverde foi à Roma para a visita **ad limina**, levou a incumbência de obter dalguma Congregação religiosa alguns padres que viessem estabelecer-se em comunidade em Aparecida” (17).

O plano de confiar a religiosos a direção dos principais centros de devoção popular do Brasil correspondia a uma deliberação do episcopado brasileiro reunido em São Paulo em 1890 sob a direção de D. Macedo Costa. D. Arcoverde dirigiu-se ao Superior dos Redentoristas Mathias Raus, cuja casa generalícia estava em Roma, no monte Exquilino. O padre geral dos Redentoristas respondeu-lhe que já havia pouco antes prometido enviar seus religiosos para a diocese de Goiás, a pedido do bispo D. Eduardo Duarte Silva.

Todavia D. Arcoverde não se deu por vencido, fazendo ver ao Superior Geral que, dada a enorme distância do Brasil, era conveniente que os Redentoristas tivessem também uma residência mais perto do litoral — no caso Aparecida — que servisse de comunicação entre os confrades de Goiás e os superiores da Europa. E a idéia foi aceita (18).

O Superior Geral incumbiu o Provincial dos Redentoristas da Bavie-

ra de pôr à disposição o número necessário de padres e irmãos para começar a fundação de uma comunidade no episcopal santuário de N. S. Aparecida. D. Lino recebeu com alegria a notícia, mas não chegou a ver os padres na diocese.

A 6 de agosto de 1894 D. Lino benzeu a pedra fundamental para a construção de um colégio que deveria servir de seminário em Aparecida, e veio a falecer no dia 19 desse mesmo mês (19). Ao ter notícia do falecimento do bispo diocesano, D. Joaquim Arcoverde apressou seu regresso para São Paulo, onde tomou logo as necessárias providências para o estabelecimento da comunidade redentorista em Aparecida.

Primeiros redentoristas em Aparecida

A 20 de outubro de 1894 chegaram a Aparecida os primeiros religiosos redentoristas.

“Para a residência dos padres fora adaptada uma parte do complexo de casas, reservadas para hospedagem dos romeiros, no largo do santuário, próximo da Igreja. Com solicitude paternal o bondoso D. Joaquim Arcoverde providenciava para que houvesse todo o conforto necessário e conveniente, de sorte que os recém-chegados depressa se achassem acostumados e como que em casa.

“Bem depressa, embora lutando com alguma dificuldade no aprender a língua vernácula, começaram os padres seu apostolado, que de ano em ano havia de tornar-se mais fecundo” (20).

Já em princípios de 1895 confia-se oficialmente aos Redentoristas a administração do santuário mariano. Sob a orientação dos padres, o santuário passa a ter uma vida religiosa dentro dos moldes tridentinos.

“Assumindo a 22 de janeiro de 1895 a direção do Santuário de Nossa Senhora Aparecida, os Padres Redentoristas trataram logo de dar ao serviço espiritual o desenvolvimento que pedia um santuário tão importante. Ainda no mesmo ano elevaram o número dos padres da residência a quatro, no princípio do ano seguinte a seis, em 1897 seu número subiu a nove e mais tarde com os lentes do Colégio Santo Afonso chegou até quinze.

“Desde que o número de sacerdotes o permitiu, celebram-se todos os dias missas rezadas no altar de Nossa Senhora desde as seis até às nove horas da manhã. Todos os dias têm os fiéis oportunidades de receberem os santos sacramentos da confissão e da comunhão. Foi introduzida a recitação do terço todas as tardes, e a pregação todos os domingos e sábados. A capela do Santíssimo que se achava em uma das tribunas foi logo transferida para o lugar onde até hoje se acha e onde é fácil a visita ao Santíssimo e a Comunhão. Ainda no primeiro ano de sua administração os Padres promoveram a compra da Via-Sacra cujos belíssimos quadros tanto adornam a basílica, e tanto excitam a devoção dos fiéis à Sagrada Paixão. Desde então fez-se todas as sextas-feiras Via-Sacra”.

Uma das preocupações básicas dos Redentoristas foi a catequese popular através das aulas de catecismo.

“Havia de ser uma das preocupações dos diretores do santuário o aumento do espírito religioso entre a população do lugar. O primeiro passo neste sentido foi dado imediatamente pelo ensino do catecismo. Organizado em dois centros, o masculino e o feminino, desenvolveu-se a obra do catecismo muito bem e conseguiu chamar quase todas as crianças do lugar por meio dos prêmios dos leilões anuais assim como pelas tocantes solenidades da primeira comunhão e da festa de São Luís precedida dos seis domingos de São Luís”.

A promoção de devoções e associações vinculadas ao espírito tridentino constitui outra orientação fundamental do zelo dos padres redentoristas.

“Logo foi também instalado um Centro do Apostolado da Oração, no qual se alistavam muitos homens e senhoras quer como zeladores quer como associados. A comunhão geral das primeiras sextas-feiras é sempre muito numerosa.

“Grande aceitação teve entre os devotos de Nossa Senhora a devoção a São Geraldo, tanto que desde os primeiros anos há no dia 16 de cada mês missa cantada e se fazem muitas comunhões em louvor do santo. A conferência de São Vicente data também dos primeiros anos da administração do santuário pelos padres redentoristas...” (21).

Convém ressaltar enfim o início das missões populares, uma das finalidades específicas da Congregação do SS. Redentor.

“Nos primeiros três anos a atividade dos padres se limitou à funções do ministério sacerdotal na igreja de Nossa Senhora e a pequenas excursões apostólicas para auxiliar os vigários vizinhos, sobretudo o de Guaratinguetá, onde os numerosos e populosos bairros da roça cada vez mais reclamavam os serviços dos padres da capela, como

geralmente por aqui eram chamados os redentoristas de Aparecida”.

De 1897 em diante os Padres saíram a pregar missões propriamente ditas, conforme o espírito próprio da Congregação de Santo Afonso, nas diversas paróquias não só da vizinhança, mas também de vários pontos do Estado de São Paulo, e no sul de Minas. As paróquias que formam a diocese de Taubaté foram missionadas repetidas vezes. Também no oeste de São Paulo foram pregadas missões em vários lugares... (22).

III — OS REDENTORISTAS NA DIOCESE DE GOIÁS

Na diocese de Goiás já fora implantada a reforma católica desde o governo episcopal de D. Cláudio Ponce de Leon, bispo lazarista (23), que para lá trouxera os padres dominicanos (24). Em agosto de 1891 entrava na diocese o novo bispo D. Eduardo Duarte Silva, disposto a consolidar o espírito tridentino. Uma de suas primeiras visitas foi ao santuário do Divino Padre Eterno de Barro Preto, em Campinas, decidindo desde então que confiaria a administração desse centro de devoção popular a uma comunidade religiosa.

O bispo em busca de religiosos para Goiás

Em maio de 1894 D. Eduardo deixa a diocese de Goiás para fazer a “visita ad limina” ao Papa e em busca de novos religiosos para a diocese.

“Formei o propósito, escreve ele em suas Memórias, de entregar os

santuários da diocese a Ordens Religiosas, a fim de se cristianizarem as romarias, e para consegui-las andei em Roma de convento em convento. A última porta que bati foi a do Revmo. Padre Geral dos Redentoristas, e como nas outras a resposta foi negativa. Desanimado completamente, ao despedir-me do venerando Padre eu disse: meu Revmo. Pe. Geral, minha consciência fica tranqüila, fiz quanto pude. Santo Afonso fundou sua apostólica Congregação para salvar almas mais abandonadas, saio também daqui como saí das outras casas generalícias, a Nosso Senhor entrego este negócio de tanto alcance. De tarde veio visitar-me o Revmo. Padre Geral e dar-me alguns religiosos de sua Congregação mas da Baviera e não da Itália, sendo necessário eu lá ir para entender-me com o Revmo. Padre Provincial” (25).

Após ter-se avistado com o Santo Padre e munido de recomendações

peçoais do Cardeal Rampolla, D. Eduardo viaja para a Alemanha, para na Baviera consolidar a fundação redentorista em Goiás. Passa por Insbruck e chega a Garz, firmados todos os entendimentos, D. Eduardo prossegue para a França (26).

Em Bordéus encontra-se com a comitiva redentorista. No dia 5 de outubro de 1894 viajavam para o Rio de Janeiro. A viagem foi ótima, mas ao chegar ao Brasil, encontraram a capital infestada pela febre amarela. Hospedam-se no seminário São José prosseguindo imediatamente no dia 21 de outubro para São Paulo.

“Para evitar que fossem atacados pela febre amarela, escreve D. Eduardo, quanto antes despachei-os para São Paulo, onde com grande surpresa minha teve de ficar a metade por ordem do Cardeal Rampolla e a pedido de D. Joaquim Arcoverde, para se encarregar do santuário de Aparecida” (27).

O bispo D. Eduardo guiou seu grupo de missionários na parte da viagem de ferrovia de São Paulo até Uberaba, em vagão que a Companhia Mogiana colocou a disposição da comitiva. Em Uberaba houve uma parada de dez dias; os redentoristas puderam estar aí com os dominicanos franceses, que já se haviam instalado na diocese anteriormente.

Os redentoristas em Goiás

A 12 de dezembro de 1894, debaixo de chuva torrencial, os Padres Redentoristas fizeram sua entrada em Campinas de Goiás.

“A primeira morada dos Redentoristas em Campinas era rudimentar até onde podia sê-lo: um casebre velho, com paredes de pau a pique; já ameaçando ruína; sem outra mobília afora três catres toscos e um banco de carpinteiro. A pedido de Mons. Souza uma família desocupou a casa contígua cedendo o uso dela aos padres, até que se arranjasse coisa melhor.

“Nos primeiros dois anos a comunidade de Campinas passou duras privações. Era muito custoso adquirir lá as coisas mais indispensáveis à vida. Tratou-se pois de cultivar a terra e plantar tudo quanto podia ser útil ao sustento da casa” (28). Não foi pacífico o ingresso dos Redentoristas em Barro Preto, relutando os chefes da comunidade local em entregar o santuário à administração dos novos religiosos (29).

Lê-se no livro do Jubileu de Prata dos Padres Redentoristas no Brasil:

“Grandes foram as dificuldades que a autoridade diocesana teve de vencer para resolver a questão da administração temporal deste Santuário na ocasião em que, devido a proclamação da República, a autoridade diocesana entrou no uso do direito pleno de administrar os bens e proventos das igrejas. Durante bom número de anos, mesmo depois da chegada dos redentoristas, perduraram as dificuldades oriundas de múltiplos interesses. Mas com o tempo voltou a paz completa na povoação.

“Foi para melhor prover o bem espiritual dos romeiros bem assim como para administrar os rendimen-

tos da romaria de uma forma que revertesse em benefício geral da diocese, que Dom Eduardo Duarte Silva, então bispo diocesano, resolveu chamar uma congregação religiosa; e vieram os Padres Redentoristas” (30).

O cronista redentorista expõe com bastante ênfase os primeiros trabalhos realizados pelos novos religiosos.

“A maior parte das paróquias estava no tempo da chegada dos Redentoristas sem vigário. Os padres dominicanos desde o episcopado de Dom Cláudio Ponce de Leon percorriam cada ano parte das paróquias missionando, de sorte que cada paróquia de cada quatro anos tivesse sua missão. Desde que eles por falta de pessoal não puderam continuar tantos trabalhos, grande parte deles ficou para os redentoristas. Morrendo além disso alguns vigários antigos, durante meses, e até durante anos, diversas e vastíssimas paróquias ficaram confiadas aos mesmos congregados”.

A maior dificuldade nos sertões pouco habitados é serem as paróquias muito extensas, abrangendo não raras vezes territórios de 200 ou 300 léguas quadradas ou seja, dez mil quilômetros quadrados, sendo uma população de poucas mil almas espalhadas por tão grande extensão. Na paróquia de Campinas desde logo estabeleceu-se a missa quotidiana, pregações aos domingos e ensino do catecismo, e bênção à tarde. Uma das preocupações básicas era a ereção de novas associações religiosas de caráter mais clerical em substituição às antigas confrarias religiosas.

“Erigeu-se a confraria de N. S. do Perpétuo Socorro, a devoção a N. Senhora sob esta invocação e a de São Geraldo muito têm contribuído para despertar o fervor e o espírito de piedade tanto em Campinas como em outras paróquias. Mais outras associações tais como o Apostolado da Oração e as Conferências de S. Vicente de Paulo se estabeleceram” (31).

A grande preocupação era evidentemente dar uma nova tônica mais sacramental à vida católica do santuário.

“A tarefa não era simples nem fácil. Dar às festividades o cunho de festas verdadeiramente religiosas, em que o espírito de piedade domine tudo, modificar usos supersticiosos ou extravagantes quanto às promessas, organizar os serviços de tal forma que toda aquela multidão possa nos dois ou quatro dias de sua demora cumprir suas promessas, receber os sacramentos, em uma palavra tirar proveito espiritual de sua romaria e voltar satisfeita; tudo isso e tantas outras coisas eram um trabalho que só no correr de anos podia ser levado a cabo. Desde os primeiros anos, a pregação mais frequente e administração dos sacramentos constituem parte saliente no programa das festas.

“À medida que os padres percorriam a parte sul do Estado e diocese de Goiás missionando, ficaram conhecendo o povo e tornando-se credores da confiança e estima dos fiéis, maior ascendente tiveram sobre o mesmo povo que nos dias de festa acudia ao Santuário do Padre Eterno. Assim foi relativamente fá-

cil abolir aos poucos usos que prejudicavam o caráter religioso da festa e contra os quais, por isso, os verdadeiros devotos desde muito reclamavam”.

E o cronista conclui o trabalho publicado em 1919:

“Hoje em dia, conquanto tenha aumentado de ano em ano o número de peregrinos há muita ordem, muito espírito de piedade; é notável o número de confissões e comunhões. Floresce a confraria de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro instituída no santuário. Um devocionário, o devoto da SS. Trindade, compilado e publicado pelos padres teve ótima aceitação. Durante os anos 1911 e 1912 foi demolida a antiga igreja e construída outra maior, mais devota e elegante e muito apropriada, sendo considerada uma das melhores da diocese” (32).

C o n c l u s ã o

Diversos aspectos merecem ser destacados sobre a presença dos Padres Redentoristas no Brasil em fins do século passado.

1. Em primeiro lugar, a vinda dos Redentoristas se coloca plenamente na moldura do movimento de reforma católica; e essa Congregação Religiosa vem reunir-se às poucas outras que decididamente colaboravam desde a época imperial com o episcopado brasileiro para a implantação do espírito tridentino no país.

2. Tendo sido fundados por Santo Afonso com a finalidade específica de serem missionários popula-

res, dinamizando a vida católica nas paróquias, também no Brasil os Redentoristas se distinguiram como eminentes pregadores de sagradas missões. Na realidade essa atividade apostólica não era nova no Brasil, tendo sido exercida na época imperial de modo especial pelos Padres Capuchinhos e pelos Padres Lazaristas. Os Redentoristas vêm reforçar as fileiras dos pregadores populares no Brasil.

3. O exercício das sagradas missões é feito em molde a servir de sustentáculo à implantação do catolicismo tridentino, com ênfase na conversão individual e na prática sacramental. Também sob este aspecto existe bastante semelhança entre as missões populares pregadas pelos diversos institutos religiosos, Lazaristas, Capuchinhos, Jesuítas Dominicanos e Redentoristas. De qualquer maneira, convém ressaltar que os Padres Redentoristas sempre tiveram uma formação especial para esse tipo de atividade.

4. Além das missões populares, os Redentoristas tiveram no Brasil uma missão específica, que foi a administração e a orientação religiosa de importantes centros de devoção popular no Brasil, entre os quais se destacam o santuário de Nossa Senhora Aparecida em São Paulo e o santuário do Padre Eterno ou Trindade em Goiás. Também a custódia de santuários populares por congregações religiosas obedecia ao plano pastoral do episcopado brasileiro para assegurar o êxito da implantação da reforma católica.

5. A transferência da administração dos santuários, anteriormente

confiada às irmandades, para as mãos dos religiosos não foi sempre pacífica. Em Barro Preto de Goiás houve grande resistência quanto à decisão do bispo D. Eduardo de confiar o santuário do Padre Eterno aos Redentoristas. E em Congonhas do Campo, tais eram as dificuldades apresentadas pela irmandade que os Redentoristas preferiram não aceitar sequer a administração do santuário de Bom Jesus de Matozinhos, oferecida e desejada por D. Silvério Gomes Pimenta.

6. Os Redentoristas trouxeram para o Brasil novas devoções vinculadas à própria Congregação, em modo especial o culto de N. S. do Perpétuo Socorro e a devoção a São Geraldo Magela. Nas igrejas a eles confiadas, deram sempre destaque ao culto dos santos padroeiros da Congregação. Essas novas devoções representam sem dúvida um enriquecimento da piedade popular. Todavia, preocupados com suas devoções peculiares, é possível que nem sempre tenham os Redentoristas valorizado devidamente as devoções tradicionais do povo brasileiro.

7. A instalação da Congregação do SS. Redentor no Brasil em fins do século passado foi feita em três dioceses: Mariana (1893), São Paulo (1894) e Goiás (1894). Portanto o âmbito de atividades dos Padres Redentoristas situa-se nesse período nas regiões centro-oeste e sudeste do país. Não consta no século passado a presença dos Padres Redentoristas na região norte e nordeste nem no sul do país.

8. Nas três dioceses em que se instalaram os Redentoristas exerce-

ram também uma função complementar muito importante, dedicando-se a atividades de caráter paroquial, suprimindo assim a escassez do clero diocesano. Esse aspecto fora enfatizado pelos dois bispos D. Silvério e D. Eduardo nos pedidos feitos para a vinda dos Redentoristas ao Brasil.

9. Vindo ao Brasil no século passado, a Congregação do SS. Redentor participa dos méritos e das limitações do movimento reformador. Como aspectos altamente positivos convém ressaltar o esforço de levar ao povo um conhecimento mais adequado da fé cristã, promover um envolvimento pessoal na prática religiosa através da praxe sacramental e divulgar o culto eucarístico e mariano.

No âmbito das limitações do movimento de reforma católica convém assinalar que a presença dominante de religiosos europeus no Brasil a partir de fins de século passado fez com que nem sempre se respeitassem as formas culturais luso-brasileiras com que tradicionalmente se expressara a fé popular. Não obstante, convém ressaltar que esta deficiência não pode ser atribuída a esta ou aquela congregação religiosa em particular, mas estava condicionada à própria mentalidade da Igreja naquela época, marcada pelo ultramontanismo, à frente da qual estavam os próprios bispos brasileiros.

10. Já em princípios do século XX entrou para o noviciado dos Redentoristas em Juiz de Fora o primeiro brasileiro, o conhecido Padre Júlio Maria, sacerdote desde 1891,

professo redentorista em 1905. Júlio Maria foi uma das figuras proeminentes em fins do século XIX e começos do século XX em lutar para que os católicos do Brasil aceitassem sem hostilidade o regime republicano, e ao mesmo tempo foi o primeiro a pregar a desvinculação da Igreja do poder político para orientar sua ação pastoral às classes populares.

Escrevendo em 1900, quando ainda sacerdote secular, Júlio Maria

assim se referia à presença dos Redentoristas no Brasil:

“Quanto aos missionários redentoristas, só em 1894 vieram para o Brasil, onde estão estabelecidos em São Paulo, Minas e Goiás, prestando nestas três dioceses muitos relevantes serviços à Igreja brasileira no catecismo dos meninos e nas missões. Às Congregações Religiosas devemos não se ter apagado o facho da fé no Brasil, tanto decaiu o clero nacional” (33).

NOTAS

1. AZZI, RIOLANDO, **Padres da Missão e Movimento Brasileiro de Reforma Católica no Século XIX**, Convergência, 1974, dezembro, 1237-1256. 2. AZZI, RIOLANDO, **As Filhas da Caridade e o Movimento Brasileiro de Reforma Católica no Século XIX**, Convergência, 1975, maio, 232-249. 3. AZZI, RIOLANDO, **Os Capuchinhos e o Movimento Brasileiro de Reforma Católica no Século XIX**, REB, 1975, 123-139. 4. AZZI, RIOLANDO, **Os Jesuítas e o Movimento Brasileiro de Reforma Católica no Século XIX**, Convergência, 1976, outubro, 491-505. 5. Sobre a vinda dos Redentoristas para diocese de Mariana foi consultada a seguinte bibliografia: a) *Vice-Provinciae Hollandico-Brasilicae Congregationis SS. Redemptoris res gestae per quinque iustra, 1894-1919*, Rio de Janeiro, 1919. b) SOUZA, DOM JOAQUIM SILVÉRIO, **Vida de Dom Joaquim Gomes Pimenta**, S. Paulo, 1927, 124-139. c) TRINDADE, CÔN. RAIMUNDO, **Arquidiocese de Mariana**, S. Paulo, 1929, II, 1136-1139. d) Crônicas da Casa dos Padres Redentoristas em Juiz de Fora, sob o título de Nossa Senhora da Glória, Pe. Afonso Mathysen e traduzidas do holandês pelo Pe. Francisco Stroemer. Documento Manuscrito. Sobre a vinda dos Redentoristas para as

arquidioceses de São Paulo e Goiás: a) *Quinque iustra Vice-Provinciae Bavaræ In Brasilia, Petrópolis, 1919*. b) *Jubileu de Prata das Residências dos Padres Redentoristas em Aparecida e em Campinas de Goiás*, São Paulo, 1919. c) SILVA, CÔN. JOSÉ TRINDADE DA FONSECA, **Lugares e Pessoas**, S. Paulo, 1948. 6. Referindo-se a informações recebidas do núncio D. Spolverini nesta questão: “Antes que este, destituído de seu cargo, voltasse para Roma, pediu-lhe Dom Silvério Gomes Pimenta, então ainda coadjutor de Dom Benevides de Sá, bispo de Mariana, com toda a insistência que recrutasse para a diocese mais sacerdotes, o que este prometeu. Dirigiu-se Sua Excia. Revma. a Roma a todos os Gerais de todas as Ordens, mas nenhum deles, nem tão pouco o nosso Geral, Pe. Nicolaus Mauron, viu possibilidade de prover às necessidades. Assim ficou tudo parado. Dom Spolverini, que desde a sua internunciatura em Haia, na Holanda, tinha as suas relações, passava de vez em quando ali por alguns dias e visitou, em agosto de 1891, também o nosso convento em Witten (allás esta é a única visita de S. Excia. Revma. de que falam as crônicas dali). À hora da partida acompanhava o Pe. Reitor, Jan van Asten a S. Excia. Revma. até a porta principal para to-

mar a viatura. Esta porém demorava e a conversa estava terminando. Depois de alguns instantes de silêncio, contou S. Excia. Revma. ainda que o experimentara na visita ao Pe. Geral que lhe dissera: "Não conheço nenhuma província que pudesse aceitar o Brasil". Respondeu-lhe o Reitor (em momento de imprudência de que logo se arrependeu): "Eu conheço uma que podia". "Qual então?", perguntou S. Excia. Revma. "Ora, a nossa da Holanda. Temos aqui tantos padres novos". "Pois bem, terminou S. Excia, logo que voltar a Roma falarei com o Pe. Geral". Provavelmente deu-lhe então o Pe. Geral pouca esperança". Crônica da Casa dos Redentoristas de Juiz de Fora, páginas 11 e 11 verso. 7. Estas e as cartas seguintes foram traduzidas do latim do opúsculo *Vice-Provinciae Holandico-Brasilicae*. 8. **Crônica da Casa dos Redentoristas de Juiz de Fora**, 13. 9. *Ibidem*, 13 verso. 10. *Vice-Provinciae Holandico-Brasilicae*, págs. 14-15. 11. *Idem*, nota 8, pág. 14. 12. *Idem*, nota 8, pág. 17. 13. SOUZA, DOM JOAQUIM SILVÉRIO, **Vida de Dom Silvério Gomes Pimenta**, S. Paulo, 1927, 127-130. 14. *Idem*, ver nota 13, pág. 211. 15. AZZI, RIOLANDO, **Os**

Capuchinhos e o Movimento de Reforma Católica no Século XIX, REB, 1975, 136-138. 16. AZZI, RIOLANDO, **Os Jesuítas e o Movimento Brasileiro de Reforma Católica no Século XIX**, *Convergência* 1976, outubro, 495-496. 17. **Jubileu de Prata da Residência dos Padres Redentoristas**, 1-2. 18. *Quinque lustra Vice-Provinciae Bavarae in Brasilia*, 6. 19. *Idem*, ver nota 17, pág. 2. 20. *Idem*, ver nota 17, pág. 14. 21. *Idem*, ver nota 17, págs. 14-19. 22. *Idem*, ver nota 17, pág. 26. 23. AZZI, RIOLANDO, **Os bispos religiosos durante a época Imperial no Brasil**, *Convergência*, 1976, maio, 242-245. 24. AZZI, RIOLANDO, **Os Religiosos e o Movimento de Reforma Católica no Brasil durante o Século XIX**, *Convergência*, 1975, junho, 306-308. 25. SILVA, CÔN. JOSÉ TRINDADE DA FONSECA, **Lugares e Pessoas**, São Paulo, 1948, 339-340. 26. *Idem*, ver nota 25, pág. 340. 27. *Idem*, ver nota 25, pág. 341. 28. *Idem*, ver nota 17, págs. 39-41. 29. *Idem*, ver nota 25, págs. 351-353. 30. *Idem*, ver nota 17, pág. 45. 31. *Idem*, ver nota 17, págs. 41-42. 32. *Idem*, ver nota 17, págs. 45-47. 33. MARIA, JÚLIO, **O Catolicismo no Brasil**, Rio, Agir 1950, 170.

LIVROS NOVOS

para você ler

TEOLOGIA DO NOVO TESTAMENTO, Leonhard Goppelt. Tradução do original alemão **Theologie des neuen Testaments** de Martin Dreher. Coedição Editora Sinodal e Editora Vozes. Ano 1976. Páginas 300.

O Novo Testamento contém as únicas tradições fidedignas a respeito da atividade de Jesus, bem como a respeito da formação básica da Igreja e da sua pregação. Constitui, por isso, para todos os tempos, a base decisiva e orientadora de tudo aquilo que se designa por cristianismo e por Igreja. Os escritos do Novo Testamento, no entanto, são, todos eles, palavras destinadas a uma determinada situação histórica. O objetivo de uma **Teologia do Novo Testamento** é o de deduzir, de escritos isolados ou de grupos de escritos, imagens objetivas e coerentes da atividade de Jesus ou da pregação e da doutrina da primeira igreja.

Não é fácil apresentar uma síntese compreensiva da presente obra que, pela estrutura, pelo porte e método científico de elaboração crítica do vasto e profundo conteúdo, assume di-

mensões e valor imponderáveis, constituindo-se, sem dúvida alguma, uma nova, seríssima fonte para os estudos de Teologia Bíblica e um modelo moderno para ulteriores pesquisas nesse domínio. Após um amplo capítulo introdutório, onde se expõe criticamente o surgimento da Teologia Bíblica neotestamentária e a evolução de suas teses e tendências — meramente histórico-filosófica; pesquisas e tensões da teologia protestante e as sucessivas orientações histórico-positiva e histórico-salvífica, etc. — o trabalho é desenvolvido em duas partes fundamentais.

Na primeira, em sete capítulos, estuda-se **A atividade de Jesus em seu significado teológico**. Com notável clareza e inteligente posição interpretativa, o Autor elabora num texto sistemático e preciso o ingente volume de dados referentes à exegese, os problemas "metódico-hermenêuticos, históricos e teológicos que nos oferecem os escritos do Novo Testamento", e as diversas posições, orientação e exposições dos vários teólogos neste campo. Partindo do princípio de que o

Novo Testamento não é um monumento histórico estático, mas um documento vivo e perene de pensamento teológico, sua leitura e compreensão condicionam-se a exatas análises históricas e a premissas teológicas transparentes e adequadas ao pensamento moderno.

Desta forma, ele se torna uma base essencial e indispensável para um diálogo positivo e convergente entre Exegese e Teologia e o caminho certo por onde "se pode chegar a uma compreensão das afirmações neotestamentárias, de maneira que se tornem compreensíveis como última exigência e última promessa". Com a mesma sistemática e idênticos objetivos segue a segunda parte do livro: **A comunidade primitiva** (a Igreja do Povo de Israel). A obra inteira é redigida segundo critérios críticos de metodologia científica e documentada com farta bibliografia.

A FÉ DA IGREJA, Michael Schmaus. Volume II: Cristologia. Tradução do original alemão **Der Glaube der Kirche** de Marçal Versiani. Editora Vozes. Ano 1976. Páginas 156.

Após a exposição dos fundamentos de uma teologia dogmática moderna, no primeiro volume da série (são seis volumes), nesta segunda parte dá-se o início, propriamente, à exposição do conteúdo da obra. Diferenciando-se do sistema expositivo dos tratados tradicionais em que se tomava como ponto de partida a doutrina sobre Deus Uno e Trino, o Autor centraliza toda a doutrina dogmática numa idéia fundamental: **o Cristocentrismo**. De um ponto de

vista metodológico é algo novo, apesar de contrariar a ordem aceita até então.

Há porém, neste método, uma profunda lógica interior, pois, se toda a Revelação e História veterotestamentária convergem para o **Evento-Cristo Salvador**, logicamente deverão ser expostos tanto a palavra revelante quanto os fatos históricos contidos na Sagrada Escritura. Sendo, no entanto, impossível falar de Cristo, sem falar de sua relação com Deus, o autor retoma, na primeira parte deste volume, o pensamento bíblico do Antigo Testamento em torno de Deus, à medida que serve para levantar um edifício preliminar onde instalar a cristologia, em sentido estrito.

Daí o esquema, básico para a obra inteira, deste volume, estruturado em quatro capítulos: I. A Imagem de Deus no Antigo Testamento. II. Deus Criador. III. O pecado original e o pecado hereditário. IV. Os anjos. A criação do homem e a falta original são vistas, aqui, como acontecimentos histórico-dogmáticos condicionantes da cristologia salvífica. É relevante neste volume, a vigorosa síntese de teologia bíblica e dogmática da matéria abordada que, na sistemática tradicional abrangia vários tratados distintos. Pela riqueza e profundidade do conteúdo e da reflexão teológica moderna, esta obra se recomenda particularmente aos estudiosos de teologia, mas pode ser lida com grande proveito por qualquer cristão, ou pessoa de certo nível cultural, que queira tomar conhecimento mais atualizado desse vasto e, por si, interessantíssimo mundo do pensamento teológico.

CAMINHANDO

PARA O

SÍNODO 1977

30 de setembro a 29 de outubro

TEMA:

“A catequese no nosso tempo
com particular referência
às crianças e aos jovens”

Desafios à catequese hoje:

1. Relação: catequese e culturas contemporâneas.
 2. Tensão: catequese e situações sociais.
 3. Problema: catequese e cerceamento da liberdade.
 4. Catequese e modelos de comportamento veiculados pelos meios de comunicação social.
-